



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor Mor

Reações à última carta do Reitor Mor — Encontro fraternal de gerações — Experiências do "segundo noviciado" na América Latina — O redescobrimto da oração — Não perder o contato com a fonte — O dramático problema do "subdesenvolvimento" — A tomada de consciência dos povos subdesenvolvidos — O subdesenvolvimento não é só um fato econômico — A corajosa presença da Igreja — A Congregação diante do subdesenvolvimento — A ação concreta da Congregação — Renovado empenho da Congregação para o futuro — Uma responsabilidade comum — Nenhuma convivência com a riqueza, com o poder — Sempre dentro da caridade — Libertar-se da mentalidade burguesa — Dar a própria contribuição pessoal — Esclareçamos as idéias com relação ao nosso apostolado — A nossa vocação de "educadores" — Uma fórmula sempre válida — Educação libertadora — Façamos um exame de consciência — Eduquemos os jovens para o sentido social — A nossa preferência é sempre para os pobres — "Integração" das diversas obras — Encaremos a realidade com coragem — Citações.

II. Capítulo Geral Especial (nada a assinalar neste número).

III. Disposições e normas (nada a assinalar neste número)

IV. Comunicações

Normas para o "Ordo Missae et Officii" de 1971 — Novos Bispos salesianos — Nomeações de Inspectores — Solidariedade fraterna.

V. Atividades do Conselho Superior e Iniciativas de Interesse Geral

VI. Documentos

Carta dos irmãos que participaram do "Curso de Atualização Ascético — Pastoral"

VI. Magistéria Pontifício

A hora da coragem da verdade — O cristão é um homem de esperança — Pobreza da Igreja — Aspectos positivos de um período de prova — As tentações do ateísmo moderno — Atualização religiosa e fidelidade à tradição.

VII. Necrologia (2.º elenco de 1970)

I. CARTA DO REITOR MOR

Turim, julho de 1970.

Irmãos e filhos caríssimos,

Por diversas circunstâncias fui obrigado a adiar este nosso encontro periódico, encontro este tão agradável para mim e, penso, não menos agradável e útil para vós.

Reações à última carta do Reitor Mor

Pude constatar, através de grande número de cartas que me chegaram às mãos, que minha carta do mês de março, sobre a “crise das vocações hoje”, provocou, um pouco em todo o mundo, reações positivas, sobretudo porque mais profundamente tomamos consciência da responsabilidade que cada um de nós tem de cuidar constantemente, antes de tudo da própria vocação, e, ao mesmo tempo, da dos irmãos que vivem na comunidade, e dos que, entrando em contato conosco, sentem o desejo de seguir de perto a Jesus Cristo, com o carisma de D. Bosco.

Dentre as inumeráveis cartas que recebi e que se referiam a esse assunto tão vital, quero escolher uma que me parece condensar os sentimentos expressos por muitos irmãos. O remetente é um jovem salesiano, estudante numa Universidade Pontifícia. Penso ser de agrado de todos que eu lhes cite as passagens mais significativas: parecem-me estar imbuídas daquele equilíbrio sereno, que é a condição fundamental para o trabalho construtivo que, neste momento, cada

um de nós está convidado a oferecer à Congregação, como contribuição pessoal.

“... Queria sintetizar tudo o que senti ao meditar suas palavras num “muito obrigado” que fôsse ao mesmo tempo uma promessa de empenho para traduzi-las em vida. Obrigado, sobretudo, pela compreensão tão profunda dos problemas e as inquietudes que possuem os jovens salesianos. Sua carta nos dá a conhecer que seus olhos contemplam alternadamente a duas faces da Congregação: depois da análise dolorosa e amorosamente severa dos excessos, fraquezas e imprudências, segue-se imediatamente a compreensão de tudo o que é válido. Não há dúvidas de que, pensando em tantos Salesianos fiéis, o otimismo se impõe. O senhor sabe muito bem que há muitos moços que procuram, com sinceridade e amor, um caminho; o senhor sabe que por detrás da impetuosidade própria da idade e do mesmo entusiasmo, esconde-se um verdadeiro desejo de fazer com que o carisma de D. Bosco penetre no mundo em que vivemos para salvá-lo. Penso em D. Bosco que orientou com profunda compreensão a impetuosidade de um Cagliero e de um Magone.

Lamentavelmente, ouvem-se apenas os protestos dos amargurados. E, muitas vêzes, nós, jovens, somos julgados em bloco, como se todos fôssemos como alguns poucos. Estou perfeitamente convencido de que muitos clérigos subcreveriam êstes sentimentos, e é justamente por êste motivo que lhe escrevo estas linhas em nome daquels que não gritam, mas trabalham para mudar o que deve ser mudado. Sua carta nos será auxílio para um empenho maior. No silêncio da meditação as suas palavras farão grande bem.

Acho que as suas palavras farão refletir também os mais velhos e sobretudo fá-lo-á o seu exemplo. Um colega me dizia uma vez: — O padre fulano me reconciliou com a Congregação! — Precisamos dêsses Salesianos que nos reconciliem com a realidade, conosco mesmos; isto não quer dizer que

devam aprovar tudo..., o senhor compreende. A “transmissão”, êsse é o nosso problema vital. Nós, jovens, não podemos partir do nada. Há valôres que devem ser absolutamente “transmitidos”, porque são os que fazem a Congregação.

Costuma-se dizer que o futuro está em nossas mãos. Mas eu diria que êle não está menos nas mãos dos nossos mais velhos; a afirmação é sua quando, numa ocasião, asseverava que os filhos são iguais ao fundo dos pensamentos dos pais. Se o futuro não pode ser construído sem o passado, então o nosso futuro não depende apenas de nós. Sòmente o espírito de família e a comunidade podem ser o clima propício para essa transmissão. Padre, não se canse de insistir. O fato de querermos ser adultos, filhos adultos, como é justo, não pode destruir a família; o querermos evitar a massa não deve eliminar a comunidade e fazer-nos passar diretamente para o individualismo. Tenho receio, e muitos comigo, que a busca exagerada da técnica da organização, por mais democrática que queira ser, termine por matar justamente aquilo por que somos invejados: a familiaridade. Um religioso me dizia: — Vocês poderão ter os defeitos que tiverem, mas se perderem o espírito de família, não serão mais Salesianos...!

... Caríssimo Pai, creio que como eu muitos jovens esperam reconhecidos suas palavras de otimismo e de orientação. Certamente, direta ou indiretamente, alguma voz de protesto até o senhor chegará. Mas nas dificuldades e na dor — dimensão esta que hoje é própria de qualquer autoridade (penso no pobre do Papa!) — siga auscultando com ouvido atento êste grito silencioso, que não faz alarde e que se levanta de tantos jovens salesianos que estão a seu lado. Siga adiante, caro Pai, que a verdade afinal acaba por se impor, no íntimo da alma; lá onde não nos interessam a popularidade e a aparência superficial de uma modernidade demagógica, cuja falsidade não resiste diante de uma meditação profunda e sincera...”

Encontro fraternal de gerações

A longa citação convida a todos, novos e velhos, a refletirem. Na procura sincera e humilde do verdadeiro bem da Congregação, no que todos têm algo de positivo para dar e para receber; no encontro fraternal entre as diversas gerações e mentalidades, conscientes de que tôdas são necessárias, e ao mesmo tempo tôdas são complementares; e especialmente na caridade vivida *verbo et opere, corde et animo* em cada comunidade, encontraremos o caminho seguro para dar embalo, vigor e fecundidade à nossa vocação, hoje mais que nunca tão válida e rica de motivações.

Ao terminar este ponto, quereria sublinhar: defrontamo com problemas incontáveis, complexos e urgentes, que nos mente consoladoras: se por um lado aquêles dias de estudo, discussões e debates se caracterizaram por muita fraqueza a liberdade, afrontando com coragem temas candentes e delicados, por outro lado, tudo se desenrolou num clima de filial apêgo à Congregação e de grande caridade fraterna, que se traduzia em respeito mútuo, mesmo na diversidade de opiniões, e não raro em clima de alegria bem salesiana.

Ao terminar este ponto, quereria sublinhar: defrontamos com problemas incontáveis, complexos e urgentes, que interessam à mesma vida da Congregação, e de cada Inspetoria. Não podemos evitá-los nem subestimá-los; devemos enfrentá-los para encontrar-lhes solução adequada. Mas para tanto o verdadeiro método é um só: integrar-nos, ajudar-nos, pondo em comum tôdas as forças, não para alimentar tensões emocionais, nem para escavar abismos, mas no intento único de lançar pontes a fim de conseguirmos vencer obstáculos e dificuldades: na união de tôdas as forças — que são tantas e tão válidas — encontraremos a salvação. A desunião nos levaria à mais triste desintegração.

Experiência do “segundo noviciado” na América Latina

Mudando de assunto, todos souberam que no primeiro semestre passei várias semanas na América Latina: entre outras coisas, tive a alegria de encontrar-me com os irmãos sacerdotes que faziam a primeira experiência do assim chamado “segundo noviciado”, desejado pelo 19.º Capítulo Geral.

Deve-se dizer que, mesmo com as limitações e imperfeições próprias de uma experiência, especialmente por ser de todo em todo nova, os irmãos que participaram são unânimes em reconhecer as grandes vantagens que dele tiraram. Ponho em evidência algumas afirmações significativas, que os participantes quiseram dar no fim desse “Curso de Atualização Ascético-Pastoral” (tal foi o nome dado ao segundo noviciado).

“Foi um bem fundamental ter dado ao curso uma entoação principalmente espiritual, sobre bases teológicas. As aulas de teologia atual, de teologia bíblica e moral, de psicologia religiosa, nos abriram horizontes mais amplos e claros na vida cristã, salesiana, sacerdotal...

“As idéias teológicas, que dia a dia pudemos assimilar, nos servirão para melhor atuar o nosso apostolado, sobretudo porque, graças ao professor, transformamos a teologia em vida...

“Tivemos tempo e modo de reorganizar a nossa vida, reconhecendo nossas grandes limitações, que impedem a eficácia de nossa ação...

“O curso, com horas de estudo e reflexão, deu-me maior segurança no sacerdócio, tornando-me mais responsável no meu compromisso com Cristo...

“Viveu-se uma verdadeira fraternidade religiosa, com diálogo entre superiores e irmãos, e mútua compreensão no suportar-se, dada a grande diversidade de caracteres...”

“Exemplar a disponibilidade para servir à mesa, para a limpeza da casa e a dedicação de muitos irmãos que deram tudo de si para o bom andamento do curso, trabalhando por horas e horas...”

Parece-me que uma síntese dos juízos tão variados e positivos sobre o Curso encontra-se na carta coletiva que os irmãos, por meu intermédio, quiseram mandar a todos os irmãos da Congregação.

“... Com a reflexão e o estudo — dizem eles — tocamos com mão a necessidade urgente que existe na Congregação de preencher o vazio espiritual que o trabalho e a pressa com que se vive, impedem de ver em tôda a sua tremenda realidade. Estamos convencidos de que, sem uma profunda base espiritual, o nosso trabalho apostólico se torna cada vez menos eficaz e, dada a mutabilidade do ambiente em que vivemos diminui a nossa criatividade apostólica.

“Estamos plenamente satisfeitos e sinceramente repletos de alegria e entusiasmo. Foi um encontro com Deus, conosco mesmos, com a Congregação, com os irmãos, em nível de Igreja. Saímos dêste encontro revitalizados e enriquecidos sob todos os aspectos”.

O redescobrimento da oração

As palavras tão ricas dêsses queridos irmãos, desejo acrescentar uma consideração que, além do mais, nos põe em sintonia com um dos motivos mais insistentes que ocorrem (compreende-se porque) antes que em minhas falas, intervenções, circulares etc... nas palavras do Santo Padre o Papa e de quem quer que sinta, especialmente hoje, a pesada responsabilidade de guiar almas religiosas.

Em todos os encontros que mantive, seja com cada um dos participantes do curso, seja com a comunidade reunida, seja, ainda, com os membros da equipe responsável pelo curso, um sentimento emergiu claro, sincero e jubiloso: os irmãos do “Curso de Atualização” sentiam-se felizes e profundamente agradecidos à Congregação, porque nos seis meses passados em San Antonio de los Altos, ao mesmo tempo que se deram conta do vazio criado pelos anos no profundo de sua alma em meio a uma vida tão ativa e movimentada, haviam feito a jubilosa e exaltante redescoberta da oração. É um grande apêlo êsse que nos chega de San Antonio de los Altos.

O nosso P. Aubry, no seu pequeno e substancioso volume, *Teologia da Vida Religiosa*, põe em evidência como a vida de oração do religioso de vida ativa (é o nosso caso), na linha do *Perfectae Charitatis*, não pode ser concebida como uma coisa *a se*: o liame entre oração e ação é definitivamente muito mais sólido por que se tornou intrínseco. Mas logo a seguir acrescenta que êste nôvo papel da oração não diminui a necessidade absoluta da oração; e isto quer pela natureza da nossa vocação de consagrados de pessoas portanto consagradas a Deus (e a oração é uma forma viva e eficaz de dedicação a Deus), quer para haurir, da fonte viva que promana do contato com Deus, energias indispensáveis na luta quotidiana contra as fôrças do maligno, quer, enfim, para a eficácia e a fecundidade do nosso mesmo apostolado, de qualquer apostolado.

Não perder o contato com a fonte

Convém pois recordar que cada um de nós nada mais é que um “enviado”, um instrumento. Se o Salesiano, como aliás qualquer apóstolo, se afastar da fonte, não será mais nada: “Sem mim nada podeis fazer”. São palavras que à luz da experiência quotidiana se revelam cheias de espantosa verdade.

Temos diante dos olhos casos muito tristes de elementos brilhantes e muito ativos que chegavam a despertar admiração e palmas, mas que em seguida desmoronaram miseravelmente: por dentro estavam vazios...

É por isso necessário verificar incessantemente junto ao Mestre a verdade da própria “dependência” dêle, porque, hoje mais do que nunca, é muito comum o “pecado apostólico” de procurar a si mesmo e dar preferência às próprias opiniões pessoais. E é justamente este pecado que cria as aparências ilusórias de uma atividade apostólica fecunda seja para o apóstolo seja para as almas.

Convençamo-nos: somente na oração se realiza aquêle “contato” pelo qual o apóstolo, o Salesiano, vive aquêle “mistério” que antes êle mesmo deve encarnar em sua vida, para depois comunicar aos demais. Não se trata de transmitir uma lição preparada com diligência e apresentada corretamente. Não se trata de um trabalho de funcionário, a executar com precisão. Trata-se de dar “testemunho”, e, até certo ponto, trata-se de comunicar uma experiência vivida. As palavras de S. João exprimem com extrema clareza esta realidade: “O que nós vimos e apalpamos, é isso que nós vos anunciamos” (1).

Para concluir, desejaria, caríssimos irmãos, que a experiência inteira feita pelos irmãos do “Curso de Atualização” servisse, mais uma vez, para nos dar esta convicção profunda e concreta: o Salesiano que não reza é um contra-senso; sua ação, seja ela qual fôr, está destinada a degradar-se num ativismo puramente humano: será a ação de um motor rodando em falso: nada produz e acaba por fundir-se.

Olhemos, ao invés, para tantos irmãos que, mesmo sem conhecer “escolas e problemáticas de espiritualidade”, vivem a própria fé com simplicidade e coerência, sem racionalismos, mas na escuta humilde da Palavra de Deus, e, portanto, em

contato filial, confiante e encorajador com o Pai, e com Jesus Cristo, seu Filho e nosso Irmão.

A Congregação, pela graça de Deus, é rica de tais irmãos: muitos dêles realizam verdadeiras maravilhas no seu apostolado, mesmo em condições muito difíceis. É o fruto evidente daquele “incremento” que sòmente pode brotar do contato com a fonte da verdadeira vida.

O dramático problema do “subdesenvolvimento”

Acenei à minha viagem à América Latina: uma das finalidades era a de encontrar-me com os Inspetores da América Latina, em três capitais, para verificar a atuação das deliberações tomadas em 1968, na reunião de Caracas.

Nesses encontros, interessava-me muito tratar de um assunto bastante importante: a posição da nossa Congregação diante do problema do subdesenvolvimento.

Tratamos dêle amplamente, fixando orientações claras e tomando deliberações práticas.

Agora, nesta carta, desejo expor a todos vós as grandes linhas das idéias e das orientações expostas nos três encontros, ajuntando indicações e sugestões, que, de algum modo, vão interessar a todos.

De fato, como homens, como cristãos, e mais ainda como salesianos, devemos sentir-nos interessados no problema do subdesenvolvimento.

A gravidade dêsse problema, que não conhece fronteiras e que interessa ao mundo inteiro, e o fato, mais decisivo ainda, que o subdesenvolvimento atinge o nosso carisma e a nossa missão de salesianos, induziram-me a escolhê-lo como assunto central desta minha carta. E o faço pensando nos milhares de salesianos que vivem trabalhando naquelas duas têrças partes do mundo onde a fome impera...

O “subdesenvolvimento” e o seu correlativo “desenvolvimento” são problemas muito complexos. Os mesmos especialistas não estão de acôrdo na definição, ou melhor, na caracterização do subdesenvolvimento.

O P. Lebret, conhecido especialista na matéria, enumera as seguintes características: a) baixa renda nacional per capita, b) subalimentação de parte importante da população e difusão das doenças de massa, c) agricultura primária, rotineira, não mecanizada, d) deficiente densidade de infra-estruturas (estradas, produção de energia elétrica, hidráulica, térmica, movimento nos portos etc.), e) fraca industrialização, f) analfabetismo, g) falta ou insuficiência de técnicos ou cientistas etc. (2).

A Encíclica *Populorum Progressio* nos descreve dramaticamente algumas das situações desumanas que acompanham o subdesenvolvimento: “as carências materiais daqueles que estão privados do mínimo vital, e as carências morais daqueles que estão mutilados pelo egoísmo; as estruturas opressoras, quer venham dos abusos da propriedade ou dos abusos do poder; quer da exploração dos trabalhadores ou das injustiças das transações” (3). “Criam-se dêste modo situações cuja injustiça clama aos céus. Quando populações inteiras, desprovidas do necessário, vivem num estado de dependência tal, que se lhes impeça qualquer iniciativa ou responsabilidade e, também, qualquer possibilidade de promoção cultural e de participação à vida social e política, grande se torna a tentação de afastar com a violência semelhantes injúrias à dignidade humana” (4).

A “geografia” da fome

Fala-se hoje de uma “geografia da fome” e êste mapa trágico abarca dois terços da população mundial. É claro que existem diferenças.

Nem todos certamente devem suportar a sorte desumana daqueles que “todos os dias devem ir procurar no lixo o seu alimento ou daqueles que pela manhã são recolhidos porque morreram de fome durante a noite em algumas grandes cidades da Ásia”. Mas em todos os lugares, nesta “geografia”, encontra-se uma constante trágica: a esqualida miséria com seu séquito: doenças, ignorância, atraso, insegurança, opressão etc. Houve quem observasse com razão que é ilusório falar de inteligência e de liberdade quando se tem um nível infra-humano de vida. “Quando será que o mundo ocidental vai tomar consciência do fato que também a miséria aniquila a criatura humana, reduzindo-a a um aviltamento infra-humano? Quando irá compreender deveras que “liberdade” é expressão ôca e sem sentido para aquêle cuja casa não merece o nome de casa, cuja comida não alimenta, que não tem com que se vestir, nem tem um mínimo de possibilidades de educação e de verdadeiro trabalho?” (5)

D. Hélder Câmara, numa entrevista com Pedro Gheddo, dizia: “Penso com frequência que êsses dons divinos (a inteligência, a liberdade) são quase que um luxo para quem vive num nível infra-humano. Para que serve neste caso a inteligência, para que serve a liberdade? Afirma-se muitas vezes: — É necessário respeitar a pessoa humana, a liberdade do indivíduo. — Muito justo! Mas é necessário acrescentar que exigem-se condições preliminares para que a pessoa humana possa exprimir-se, para que a inteligência e a liberdade possam servir para alguma coisa. Para quem vive num estado de subnutrição, tudo se atrofia: a inteligência, a dignidade humana e o senso da liberdade pessoal...” (6)

A tomada de consciência dos povos subdesenvolvidos

Esta situação, já de per si tão grave, torna-se gravíssima, antes de tudo porque os meios de comunicação social levam a essa tomada de consciência, não sòmente os interessados,

que têm o sacrossanto direito de ter os olhos abertos, mas também a humanidade inteira, em escala mundial. O Santo Padre já o notava em 1965 para o Episcopado da América Latina: "... A massa da população cada vez mais toma consciência de suas incômodas condições de vida e cultiva um desejo irreprimível e bem justificado de mudanças satisfatórias, manifestando, às vêzes de modo violento, uma insatisfação crescente, que poderia constituir-se numa ameaça para as mesmas estruturas fundamentais de uma sociedade bem organizada" (7). E aos camponeses da Colômbia, por ocasião do Congresso Eucarístico de 1968, dizia: "Conhecemos as vossas condições de vida: para muitos de vós são condições miseráveis, inferiores, muitas vêzes, às necessidades normais da vida humana. É certo que, neste momento, nos escutais em silêncio. Mas bem que nós ouvimos o clamor que se eleva dos vossos sofrimentos e dos sofrimentos da maior parte da humanidade." E depois de lembrar o que a Igreja fizera no passado com as suas Encíclicas sociais, acrescentava: "Hoje, porém, o problema se tornou grave, porque vós tomastes consciência das vossas necessidades e dos vossos sofrimentos e, como muitos outros no mundo, não podeis tolerar que semelhantes condições durem para sempre e não sejam remediadas sollicitamente" (8).

P. Houtart, sociólogo, explica ainda: "Graças à expansão dos meios de comunicação, que permitem permutas rápidas, tanto de coisas como de idéias, a humanidade vive uma vida com dimensões planetárias. Se o fenômeno nos demonstra a unidade do gênero humano, apesar das diferenças culturais, êle provoca também a indiscutível tomada de consciência dos desequilíbrios que dividem o mundo de hoje. O homem dos países do Terceiro Mundo tem sofrido até agora física e moralmente os efeitos dêsses desequilíbrios. Mas agrava-se ainda mais a situação, quando as causas profundas são postas a claro. Porque então estranharmos se cresce o sentimento de uma profunda injustiça?" (9)

Para aumentar a gravidade da situação contribui também o desnível crescente entre ricos e pobres, quer se trate de indivíduos, quer se trate de nações. Alguém pôde dizer que a pobreza é um subproduto do bem-estar e que as nações subdesenvolvidas são, em parte, o tributo pago para o desenvolvimento das outras. Desta forma, enquanto alguns países aumentam a riqueza e o bem-estar, os outros se afundam, em vertiginosa progressão geométrica, na miséria.

A *Populorum Progressio* declara-o corajosamente: “É necessário apressar-se: muitos homens sofrem, e aumenta a distância que separa o progresso de uns e a estagnação, para não dizer involução, de outros” (10). E adverte que para resolver a situação não basta somente a iniciativa individual e o simples jôgo da concorrência: “Não se pode correr o risco de aumentar ainda mais a riqueza dos ricos e o poder dos fortes, reforçando a miséria dos pobres e tornando mais pesada a escravidão dos oprimidos” (11).

Para confirmar essas angustiantes verdades basta olhar para as estatísticas. Cito apenas uma, mas que fala por si: em 1939 o nível de vida dos Estados Unidos era 15 vezes superior ao da Índia. Hoje é 35 vezes maior.

O subdesenvolvimento não é só um fato econômico

As citações acima referidas acentuam principalmente a parte econômica, a fome, a miséria. Não deixa de ser um aspecto muito importante do subdesenvolvimento. Mas não é o único. Di-lo claramente a *Populorum Progressio*: “O desenvolvimento não se reduz ao simples crescimento econômico. Para ser autêntico o desenvolvimento deve ser integral, isto é, tendo em vista a promoção de todos os homens e do homem todo” (12). A promoção, portanto, deve ser cultural,

social, política, ao que, obviamente, devemos acrescentar a promoção moral e religiosa.

A ignorância religiosa, por exemplo, com tôdas as consequências no setor do comportamento moral, social e cívico, representa um aspecto do subdesenvolvimento. Di-lo claramente D. Huyghe quando afirma que não devem ser considerados como pobres somente os que carecem de bens económicos. Pobres, diz êle, não são apenas “os que estão desprovidos de bens de fortuna ou de segurança no seu trabalho, mas também todos os que estão privados dos bens essenciais à vida humana e sobrenatural, e que nós possuímos. Pobres são os que não conseguem nunca matar totalmente a fome, os que estão mal alojados, os que, pelas condições do próprio trabalho, encontram-se continuamente em estado de insegurança. Pobres são os que não são amados, aquêles cujo lar está destruído ou os que nunca o tiveram: os que vivem no deserto do coração. Pobres são aquêles que não têm o apoio da estima alheia. Pobres enfim são aquêles que não possuem a luz da vida divina e não sabem que Cristo veio principalmente para êles e que êle bate à porta da sua vida...” (13).

Há também o fato da delinquência juvenil e agora o fato da droga que se alastra tão rapidamente. São, de certo modo, aspectos do subdesenvolvimento. Embora a droga seja especialmente um produto da assim chamada sociedade do bem-estar, está outrossim muito difundida no ambiente da miséria. São raízes diferentes, mas que levam ao mesmo resultado. Os gozadores recorrem a elas porque nunca estão satisfeitos com seus paraísos artificiais; os miseráveis, ao invés, procuram nelas talvez uma evasão, para fugir à sua realidade infeliz.

A corajosa presença da Igreja

Não é de hoje que a Igreja se interessa pelos problemas sociais. Todos conhecemos as grandes Encíclicas sociais, des-

de a *Rerum Novarum* até a *Populorum Progressio* Mas perante a urgência e a crescente gravidade do problema no mundo inteiro, a Igreja reagiu de forma muito ativa. Basta considerar, além da *Mater et Magistra*, da *Pacem in Terris*, da já citada *Populorum Progressio*, da *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, os Documentos do Episcopado Latino-Americano reunido em Medellín no ano de 1968, os Documentos das Conferências Episcopais Africanas e Asiáticas.

Em tais documentos a Igreja denunciou corajosamente a situação e os abusos decorrentes da mesma, condenou as injustiças e apelou a todos os homens de boa vontade para que se unissem na luta contra o subdesenvolvimento. “Os povos da fome interpelam hoje de maneira dramática os povos da opulência. A Igreja estremece perante êsse grito de angústia e chama a cada um a responder com amor ao apêlo do seu irmão” (14). Denuncia o escândalo de desigualdades gritantes, não só no gozo dos bens, mas mais ainda no exercício do poder. Enquanto em certas regiões uma oligarquia goza de uma requintada civilização, o resto da população, pobre e dispersa, anda quase desprovida de toda possibilidade de iniciativa pessoal e de responsabilidade, e amiúde também constrangida a condições de vida e de trabalho indignos da pessoa humana (15).

Os documentos de Medellín estigmatizam “a falta de solidariedade, que leva no plano individual e social a cometer verdadeiros pecados, cuja cristalização se evidencia nas injustas estruturas que caracterizam a situação na América Latina” (16).

O Santo Padre prometeu aos camponeses da Colômbia: “Continuaremos a denunciar as iníquas desigualdades econômicas entre ricos e pobres; os abusos autoritários e administrativos em prejuízo vosso e da coletividade. Continuare-

mos a incentivar as iniciativas e os programas das Autoridades responsáveis e das Entidades internacionais, como também das nações abastadas, em favor das populações em vias de desenvolvimento” (17).

Tudo isso nos está a demonstrar a renovada sensibilidade da Igreja, depois do Concílio Vaticano II, perante a dramática situação em que vivem milhões de homens.

Disso é prova autorizada, mas não única, a palavra do Cardeal Léger, que, como se sabe, nesse ponto quis comprometer-se pessoalmente. Afirma o Cardeal: “De tudo o que o Concílio nos pode inspirar de bom, nada me parece mais importante do que uma atitude radicalmente nova diante do problema da pobreza. Devemos dizer até que o Concílio nada foi senão conseguir sacudir-nos do sono e fazer-nos tomar essa nova atitude” (18).

A Congregação diante do subdesenvolvimento

A essa altura, parece natural que perguntemos: — Em face de um fenómeno que tanto interessa à Igreja, qual foi no passado e qual é hoje a posição da Congregação?

É preciso dizer que, por um conjunto de causas, o problema, nos termos que hoje conhecemos, colocou-se sòmente nestes últimos anos. Mas, considerando bem, a preocupação e consequentemente o trabalho de Dom Bosco com os jovens nasceu de uma situação de subdesenvolvimento, isto é, de ver nas prisões de Turim menores delinquentes, fruto do ambiente miserável e do abandono moral em que viviam.

Esse fato nos autoriza a responder sem mais que o problema dos pobres está ligado ao carisma da Congregação desde as origens. O mesmo Dom Bosco no-lo confirma nas

“Memórias do Oratório”. Entrando nas prisões sob a guia do P. Cafasso, para exercitar-se no ministério sacerdotal, ficou tão chocado com as condições daqueles pobres moços que começou a pensar seriamente na maneira de prevenir aquela situação dramática (19). Uma vez iniciado o Oratório, decidiu corajosamente o que devia fazer. “Foi então — diz êle — que toquei com mão que os jovens, ao saírem do lugar de punição, se encontrarem mão benévola que dêles cuide, que os assista nos dias santos, que se interesse em achar-lhes emprêgo junto de algum patrão honesto, e os visite alguma vez durante a semana, êsses jovens davam-se a uma vida honrada, esqueciam o passado, tornavam-se bons cristãos e honestos cidadãos” (20).

Essa motivação da preservação da delinquência está sempre presente em Dom Bosco quando descreve a sua obra e lhe sublinha as vantagens.

Eis algumas citações entre as mil que se poderiam respirar nos ditos e escritos de Dom Bosco. São tomadas das suas *Cartas* porque me parecem refletir seu pensamento de maneira mais vivaz e fiel.

Em 1877, assim escrevia ao Dr. Carranza, presidente da Sociedade de São Vicente em Buenos Aires: “A experiência nos persuade que é êste o único meio para sustentar a sociedade civil: cuidar dos meninos pobres. Recolhendo meninos abandonados, diminui a vagabundagem e diminuem os batedores de carteiras... e os que talvez iriam povoar as prisões, e que seriam para sempre o flagelo da sociedade civil, tornam-se bons cristãos, cidadãos honestos, glória do lugar onde moram, honra da família a que pertencem, ganhando honestamente com o suor e com o trabalho o pão da vida” (21).

Uma carta ao irmão de José Vespignani deixa-nos entrever a sua coragem e sua audácia e decisão quando se

trata de salvar os jovens: “Nas coisas que são de proveito para a juventude que periga, ou que servem para ganhar almas para Deus, eu corro para a frente até à temeridade. Por isso, em seu projeto de iniciar alguma coisa em prol dos meninos pobres e em perigo, o objetivo que temos em vista é tirá-los do perigo de irem para a prisão, e fazer dêles bons cidadãos e bons cristãos” (22).

Para êle, “a porção talvez mais digna da sociedade, são os filhos do povo humilde”. Assim se exprime numa carta ao Prefeito de Turim, aos 3 de janeiro de 1873.

A ação concreta da Congregação

A esta altura, é natural que perguntemos: Como a Congregação correspondeu, nos seus mais que cem anos de vida, a esta vocação e a êste destino? Quer-me parecer que, em nome da honestidade e da objetividade, e em nome da justiça para com os milhares de irmãos que construíram a Congregação na linha traçada por Dom Bosco, possamos responder que, no seu conjunto, apesar de tôdas as inevitáveis deficiências humanas, ela correspondeu fielmente. Repito, no conjunto de todo o seu tão vasto e variado desenvolvimento no tempo e no espaço. Portanto, de maneira alguma entendendo ignorar certas hipertrofias de obras orientadas numa direção que não testemunha claramente o carisma salesiano, e, como consequência, uma atrofia daquelas obras que são próprias do carisma salesiano e o caracterizam, em certas regiões do mundo, em que êle está presente. É um fato real que urge examinar com atenção e serenidade, a fim de se fazer um programa de ação mais eficaz para retificar, corrigir, melhorar a fim de orientar o conjunto das nossas obras na linha autenticamente salesiana, onde quer que seja.

Ainda há pouco tempo, eu repeti que em certas zonas do nosso mundo faz-se mister uma corajosa “guinada”, para que nos sintamos na linha autêntica de Dom Bosco. E hoje só tenho que confirmar essa palavra. Mas, dito isso, penso com tôda a sinceridade que só se pode discordar de certas contestações e, eu diria, de certas condenações globais da Congregação, como se, no seu conjunto, ela se tenha afastado do caminho traçado por Dom Bosco, o caminho dos pobres. Não é possível apresentar neste lugar uma estatística das obras inumeráveis que nos diversos continentes os salesianos promoveram e levaram a efeito em prol dos pobres. A seu tempo espero que se possa ter uma estatística completa e atualizada, não para vã exibição, mas para justo ato de reconhecimento para com os irmãos que se prodigalizaram em tantas obras beneméritas; e, ao mesmo tempo, como prova das nossas numerosas atividades a favor da que Dom Bosco chamou “a porção talvez mais digna da sociedade, os filhos do povo humilde”.

Poder-se-á então constatar com evidência como o nome da Congregação Salesiana está ligado de bom direito ao da juventude pobre e abandonada, ao cuidado e promoção dos pobres, mesmo se isso não acontece em tôdas as nações na mesma medida e nas mesmas formas.

Dar-vos tais referências, queridos irmãos, pode parecer fora de lugar, como um triunfalismo inútil. Mas para mim, repito, é dever de justiça e de honestidade. Devemos ser críticos severos quando se trata de nós mesmos, e não fecharmos os olhos diante dos defeitos e limitações que a nossa Congregação e a nossa ação podem ter. Eu por primeiro quero apontar com clareza defeitos, distorsões e abusos. Mas percebo com tristeza, aqui e ali, atitudes de um certo espírito crítico que julgo excessivo diante da Congregação, de uma espécie de “autolesionismo”, de um certo azedume no julgar as obras e iniciativas da mesma.

Por certo que há o que corrigir, como eu dizia acima, há orientações por mudar, e o Capítulo Geral Especial poderá reestudar idéias de fundo e dar diretrizes consequentes e comuns.

Mas certas críticas e juízos generalizados que pretendem acusar a Congregação de desvio, como se não tivesse feito nada pelos pobres, pela juventude abandonada, antes, como se tivesse traído a sua missão, o seu espírito originário, não são críticas justas nem objetivas. Amiúde essas críticas provêm de quem menos tem capacidade de emitir juízos responsáveis, quer pela pouca idade, quer pelo limitado conhecimento de toda a Congregação, ignorando a verdadeira situação de todo o conjunto da mesma.

Renovado empenho da Congregação para o futuro

Mas se é verdade que a nossa Congregação não tem um passado negativo diante do fato do subdesenvolvimento, devemos reconhecer que hoje tal fato se apresenta com características novas, especialmente pela consciência que se tem do problema em nível mundial, seja da parte dos mesmos povos subdesenvolvidos, seja da parte dos progredidos e abastados. Diante dêsse despertar, que recebeu impulso eficaz do Concílio Vaticano II e da atividade do Papa Paulo VI, é justo que perguntemos: — Que pensa fazer a Congregação Salesiana para responder às suas responsabilidades, nesse setor tão crítico e tão de acôrdo com a natureza da sua vocação?

É claro que o Capítulo Geral Especial enfrentará em profundidade essa pergunta. Mas me parece que desde agora se podem dar algumas respostas claras.

Desejo afirmar antes de tudo um princípio geral, do qual derivam muitas consequências, de que procurarei salientar as mais importantes.

A luta contra o subdesenvolvimento pertence à essência da Congregação Salesiana. Ela se sente portanto empenhada a fundo nessa luta. Mas deve fazê-lo segundo o seu carisma, isto é, na linha, no estilo, no espírito de Dom Bosco, e, portanto, com coragem, com inteligência, com realismo, e sempre com caridade.

Como bem compreendeis, filhos caríssimos, o que eu disse não é uma frase retórica que nos pode deixar indiferentes. É e deve ser um princípio vital, cheio de consequências, que se deve transformar em linha de ação e de comportamento.

Em primeiro lugar, a atitude da Congregação diante do problema de desenvolvimento é de interesse, de preocupação, de empenho.

Uma responsabilidade comum

Com tãda a certeza, êsse empenho não é uma coisa artificial, fictícia, postiça. Não é uma atitude secundária. É vital, pertence ao ser mesmo de salesiano. Quem diz Congregação Salesiana ou salesiano, deve dizer “empenho”, preocupação pela libertação da juventude abandonada, e portanto pela luta contra o subdesenvolvimento.

Isto não significa naturalmente que o salesiano deve viver em contínua tensão, nem que deve assumir a luta revolucionária como uma das suas dimensões estruturais. Certamente que não! Empenho, para nós, significa que cada salesiano, se quiser ser verdadeiramente salesiano, deve sentir e assimilar ao longo dos anos de sua formação uma autêntica e concreta vocação de serviço para os irmãos mais necessitados.

Êsse empenho é da Congregação inteira. Portanto, não são sòmente os irmãos que trabalham nas missões ou em obras em contato mais direto e imediato com os pobres que devem ter essa preocupação. Não são sòmente os irmãos

que vivem nas zonas subdesenvolvidas que devem empenhar-se na luta contra o subdesenvolvimento. Esta é uma “missão” e uma “vocação” da Congregação, e portanto de todos e de cada um dos salesianos.

Nasce daqui, como primeira consequência, a solidariedade de tôda a Congregação na obra de “libertação”. De solidariedade já falei repetidamente e à saciedade. Não insisto, portanto. Queria apenas lembrar que solidariedade tem alcance muito mais vasto do que uma certa ajuda econômica, e que não deve reduzir-se nem a uma organização impessoal nem a uma época especial do ano. É, ao invés, uma esplêndida possibilidade de mantermos vivos e operantes os profundos vínculos internos da nossa família e da nossa vocação; para mantermos acesa uma chama que nasce do fundo da nossa existência de salesianos. Esse sentido da “solidariedade”, uma vez aprofundado e assimilado, tem possibilidade de desenvolvimentos e de aplicações muito vastas e sobremaneira válidas.

A iniciativa dos “Voluntários” para a América Latina é um exemplo desses desenvolvimentos tão eficazes. Também neste ano mais de cinquenta irmãos, em boa parte sacerdotes, provenientes de muitas Inspetorias, não somente européias, irão ajudar os irmãos que trabalham no Terceiro Mundo.

É necessário, porém, dizer que esse empenho para debelar o subdesenvolvimento não requer que tôdas as obras da Congregação estejam na mesma frente de batalha, que tenham o mesmo alcance, a mesma estrutura, a serviço das mesmas categorias.

Já esclarecemos que o conceito de “pobre” vai além da falta de meios econômicos e abraça uma série inteira de aspectos que não se podem identificar só com a fome e só com a miséria. Neste ponto existe dentro da Congregação um certo pluralismo, devido à diversidade de situações locais e

nacionais. Com isso não se pretende justificar indiscriminadamente tôdas as obras atualmente existentes. Nem se quer afirmar que tôdas correspondem plenamente ao nosso carisma. Mas também não se pode pretender que tôdas as obras sejam talhadas para a mesma categoria de pessoas.

Para confirmar isso, não pode haver voz mais autorizada do que a de Dom Bosco. Num Relatório ao Prefeito de Turim, respondendo a quesitos que lhe fizeram a respeito da pendência sôbre as aulas ginasiais do Oratório, Dom Bosco, depois de provar que “aparece claro que o Oratório Salesiano por sua natureza é um Instituto de beneficência em prol da juventude abandonada” declara mais adiante: “Como remate desta resposta, creio necessário advertir que Dom Bosco tem outros Institutos de Educação em diversos lugares da Itália, os quais sendo destinados às classes medianamente abastadas, cobram a pensão regular de 24 libras mensais ou também mais, e neles dão aulas Professôres munidos de títulos legais. Evidentemente, não se deve confundir com tais Institutos, como alguém fêz, o Oratório de Turim, de todo diferente, por natureza e por condição” (23).

Nenhuma convivência com a riqueza, com o poder

Uma segunda consequência muito importante, que se deve tirar do princípio acima enunciado, é a seguinte:

A Congregação não quer nenhuma convivência com a riqueza, nenhuma ligação com os ricos e com os poderosos que nos faça perder a nossa liberdade.

A Congregação não quer, não pode querer a nossa indiferença em face das injustiças, donde quer que elas venham: econômicas, políticas, sociais.

Não escondo que esta afirmação categórica feita pelo Reitor Mor adquire um relêvo todo especial e poderia desconcertar algum irmão. Quero por isso apresentar meu pen-

samento com exatidão, para evitar equívocos e mal-entendidos.

Comecemos dizendo que esta “não-convivência” com a riqueza, esta “não-indiferença”, esta “não-suportação” das injustiças deve realizar-se na linha, no estilo, no espírito de Dom Bosco.

Concretamente, o que quer dizer isso?

Olhemos para o comportamento de Dom Bosco. Duas constantes caracterizam sempre o seu modo de agir: a caridade e a liberdade de espírito.

Caridade para com todos: com os pobres em primeiro lugar, mas também com os ricos. Dom Bosco não foi nunca, em nenhuma ocasião, semeador de ódio. Dom Bosco, que vivia entre os meninos mais abandonados de Turim, êle mesmo proletário e camponês, jamais fêz o papel de demagogo ou de classista. Qualquer forma de ódio de classe estava muito longe do seu pensamento. E dizer que Dom Bosco era profundamente democrático e popular, por nascimento, por missão, por vocação instintiva que o levava ao “povo simples”, mas sobretudo porque sentia como ninguém as aspirações dos trabalhadores, que viviam do fruto do seu suor de cada dia e produziam a riqueza sem possuí-la.

Com os ricos teve muitas relações. Frequentava-os. Dêles conseguiu os meios econômicos que lhe permitiram desenvolver o seu quase milagroso apostolado. Pedia com elegância e, na sua humildade, era extremamente grato pela menor oferta que recebia.

Também com os políticos, em tempos difíceis e agitados, teve contatos frequentes. Pediu e alcançou. Abordou personagens que estavam no polo oposto de suas idéias religiosas.

Mas tanto com os ricos como com os políticos, Dom Bosco sempre conservou a sua independência, a sua plena liberdade. Não se sentiu jamais amarrado nem obrigado a compromissos.

Dois episódios para ilustrar essa atitude constante de nosso Pai.

Conhecemos todos a famosa declaração feita em Florença, em dezembro de 1866, ao ministro Ricasoli, antes de iniciar as tratativas sobre as nomeações dos Bispos: — “Excelência! Saiba que Dom Bosco é padre no altar, padre no confessional, padre no meio de seus jovens, e como é padre em Turim, assim é padre em Florença, padre na casa do pobre, padre no palácio do Rei e dos ministros!” (24)

A sua liberdade e decisão em lembrar aos ricos a obrigação estrita da esmola e do bom uso das riquezas tocava quase os limites da prudência e lhe valeu mais de uma polémica com sacerdotes que queriam contentar-se com normas mais benignas, segundo a opinião dos moralistas do tempo.

A um Capuchinho, confessor de pessoa muito rica, que cada ano distribuía cerca de 20.000 libras de esmolas (grande quantia para aquêles tempos), disse: “Se quisesse obedecer a Jesus Cristo, dando numa medida proporcional às riquezas que possuí, não bastariam cem mil libras por ano. Que pensa fazer com o seu dinheiro?” E recomendou ao Capuchinho que lhe impusesse uma esmola proporcional ou que a deixasse (25).

Numa conferência em Lucca, no dia 18 de abril de 1882, foi ainda mais explícito: “Um terá mil francos de renda e pode viver honestamente com oitocentos; pois bem, os duzentos que sobram caem debaixo das palavras: *Date elemosynam*.

“Mas uma necessidade imprevista, uma falha na colheita, uma desgraça no comércio... — Mas estareis ainda vivos quando isso acontecer? E Deus, que vos ajuda no presente, não haverá de vos ajudar, especialmente se tiverdes dado por seu amor? — Eu digo que quem não dá o supérfluo está roubando de Nosso Senhor, e digo com S. Paulo que *regnum Dei non possidebit*” (26).

Esta conferência, publicada depois no *Bollettino Salesiano*, suscitou uma espécie de controvérsia, porque alguns padres “assaz respeitados por piedade e ciência” pensavam que as “teorias sustentadas no *Bollettino* coincidiam com as teorias dos comunistas” (sic!) (27).

Embora as razões e os argumentos teológicos alegados por êsses padres tivessem o seu pêso para a mentalidade católica do tempo, no entanto, como glosa o P. Céria, “em Dom Bosco, tratando-se de esmola, mais do que argumentos teológicos influenciavam os imperativos e as ameaças do Evangelho contra os ricos” (28).

Como se vê, diante dos ricos Dom Bosco não era servil nem dependente; conservava e exercitava plenamente a sua liberdade a fim de lembrar o dever e exigir, em têrmos desconhecidos na sua época, o emprêgo justo e cristão das riquezas.

“Duas categorias de ricos eram para êle indesculpáveis — escreve ainda o P. Céria — e por isso eram por êle alvejados: os verdadeiramente bons, que sem motivos razoáveis conservam ocioso o dinheiro no cofre, e os menos bons, que, fazendo embora caridade, esbanjam à vontade em luxo e prazeres” (29).

Sempre dentro da caridade

Não se encontra, porém, nas palavras de Dom Bosco, nem em seus escritos, e muito menos em suas atividades, coisa alguma que possa ser interpretada como instigação ao ódio, ou pior ainda, à luta, à revolta.

Nós, salesianos, portanto, nas pegadas de nosso Pai, decididamente dizemos o nosso “não” à violência, ao ódio, ao emprêgo da força. E isso também quando houvesse situações tais que a reação mais instintiva, do ponto de vista humano, seria sem mais o emprêgo da força e da violência.

É este aliás o pensamento claríssimo da Igreja, expresso pelo Santo Padre em repetidas ocasiões e também por autorizados prelados. Em 24 de junho de 1968, Paulo VI dizia assim aos membros do Colégio dos Cardeais:

“Sobre a violência, também em suas formas armadas e sanguinolentas, se formularam teorias para explicá-la, para justificá-la, para exaltá-la como única e salutar resposta a situações de opressão, a estados de violência institucionalizada, como às vezes se diz, a uma ordem que acusam de ser, na realidade, uma desordem estabelecida, a uma legalidade formal que acobertaria substanciais ilegalidades.

“A essas justificativas se quer, não raro, ajuntar razões tiradas do pensamento cristão e de suas exigências, de tal sorte que ouvimos falar de uma *teologia da violência*, derivada de uma precedente *teologia da revolução*.

“Profundamente atingido pela dureza de muitas situações de indivíduos, de classes sociais, de Nações ou de grupos de povos; mais do que ninguém sensível ao clamor que se levanta de tantas partes do mundo pedindo ajuda e oportunas mudanças; consciente de nossa própria missão de ser tutor franco e aberto de uma progressiva justiça entre os homens, não hesitamos em repetir nossa compaixão por todo o sofrimento humano e deplorar as ações culposas ou a negligência que ocasiona êsse sofrimento. E exortamos vivissimamente... a iniciarem uma ação resoluta e corajosa para remediar eficaz e solicitamente estados de coisas que a consciência humana, e especialmente a cristã, não pode tolerar.

“Sentimos, porém, ao mesmo tempo, o dever de acautelar nossos filhos e todos os homens da fácil, mas ilusória, tentação de crer que mudanças tumultuadas e precipitadas de uma ordem que não satisfaz sejam por si mesmas garantia de uma ordem boa, ou ao menos de uma ordem melhor, onde essa ordem não tiver sido devidamente preparada; e sobretudo que a violência, também se ditada pela revolta sincera contra a injustiça, assegure quase naturalmente a ins-

tauração da justiça. A experiência nos ensina que o mais das vezes acontece justamente o contrário” (30).

Aos Bispos da América Latina o Santo Padre ainda dizia: “... Se nós não podemos ser solidários com sistemas e estruturas que encobertam e favorecem graves e oprimente desigualdades entre as classes e cidadãos de um mesmo país... repetimos ainda mais uma vez a êsse propósito: não é o ódio, não é a violência a força da nossa caridade” (31).

O mesmo Dom Helder Câmara, que luta pela causa dos pobres, afirma categòricamente: “... Eu não creio no ódio”.

Eu quisera insistir ainda sôbre um aspecto que se poderia dizer que está ligado ao anterior: trata-se da tendência a reduzir a ação em prol do desenvolvimento simplesmente à denúncia chamada “profética” da injustiça.

Está fora de dúvida — já o dissemos acima — que nós, salesianos, não podemos ficar indiferentes perante a injustiça. É também verdade que há muitas, muitíssimas situações injustas: opressões, explorações etc. Nós devemos certamente defender os pobres, os oprimidos, e combater a injustiça. Mas como?

Não podemos, com certeza, ser omissos no que, em determinadas circunstâncias e situações, pode ser um dever de consciência e um dever de ministério para os sacerdotes. A palavra de Deus não está sujeita a vínculos: *Verbum Dei non est alligatum*! Mas penso que o nosso estilo não é o de falar, falar, falar contra a injustiça. Não podemos nos transformar numa espécie de líderes, de chefes de sindicato, de cabeças do povo, com perigo de cair no jôgo falaz da política. E então?

Eu diria: imitemos o nosso Pai. Sua divisa era: “Poucas palavras e muitos fatos!” Trabalhou a vida inteira, e com muita eficiência. Escreveu muito, falou muito, mas sobretudo trabalhou e realizou. Quer-me parecer que esta deve se a nossa linha: eu a chamaria assim: “o profetismo dos fatos”.

Dom Bosco foi sempre e em tôda parte o mensageiro da liberdade absoluta, mas ao mesmo tempo foi o realizador da caridade que constrói, e que constrói com a política do *Pai Nosso*.

Libertar-se de mentalidade burguesa

Até agora preocupamo-nos em elucidar alguns equívocos, esclarecer alguns conceitos. Vamos dar um passo para a frente, procurando demarcar uma linha concreta de ação salesiana frente ao subdesenvolvimento.

Ação ainda de caráter preliminar, se se quer, mas mui concreta e importante é a que se refere pessoalmente a nós, como salesianos. Precisamos tomar consciência da importância, urgência e gravidade do fenômeno e do nosso dever com relação a êle. Talvez precisemos também nós estudar atentamente, assimilar a doutrina social da Igreja e os documentos que se referem a êsse fenômeno.

Nas reuniões com os Inspetores da América Latina notou-se que por vêzes temos uma mentalidade que se poderia definir burguesa, “instalada”, mais inclinada a defender a ordem estabelecida, qualquer seja ela, mesmo se injusta e opressora, do que ver e reconhecer-lhe as falhas e injustiças.

Fomos educados, disse um Inspetor, no terror do comunismo. Conhecemos-lhe todos os erros e consequências desastrosas. Ninguém pensa em defendê-lo; mas é também verdade que muito pouco nos foi ensinado sôbre os males do capitalismo. Tal estado de coisas foi reforçado e talvez também aproveitado pela situação política: por longos anos vivemos com o pesadelo do comunismo, sem que percebêssemos o outro monstro que é o capitalismo.

Pois bem, essa mentalidade torna-nos, por exemplo, apavorados diante de qualquer reivindicação da classe operária. Suspeitamos logo que se trata de manobra oculta do comunismo.

Não poucas vezes nosso comportamento e relações com os que de nós dependem refletem mentalidade que se pode dizer capitalista, própria de patrões. Quantas vezes não procuramos evitar as leis trabalhistas, recorremos a subterfúgios legais, para não termos que pagar tôdas as quantias exigidas como prestações sociais?

Essa mentalidade tem que ser mudada e decididamente.

Se devemos condenar o comunismo com tôda a triste sequência de males que causa ao homem, ao cristão, à sociedade, não devemos por outro lado ser indulgentes diante das verdadeiras e às vezes cruéis injustiças cometidas pelo capitalismo.

Devemos esforçar-nos por conhecer e assimilar a doutrina social da Igreja, a fim de adquirirmos uma sensibilidade nova, aberta, favorável às mudanças e reformas que são tão urgentes no campo social.

Dar a própria contribuição pessoal

Há uma atitude que brota espontâneamente do nosso esforço social e que atinge diretamente o nosso modo de ser salesianos: é a coerência.

Se temos uma vocação, uma missão, um compromisso de lutarmos contra o subdesenvolvimento, devemos agir de maneira consentânea, sermos coerentes com o nosso compromisso. Numa palavra, como diz a *Populorum Progressio*, devemos “dar a nossa contribuição pessoal” (no texto italiano: *pagare di persona*) (32).

E em que consiste essa coerência? Já dissemos alguma coisa ao falarmos da “mentalidade”.

Mas é necessário algo mais.

A coerência deve compenetrar a vida, a nossa vida comunitária e individual.

Devemos viver realmente como pobres. Estar na mesma linha com os pobres. Guerra, pois, à vida burguesa! Temos

verdadeira necessidade dessa guerra, caríssimos irmãos. Traitei dêsse assunto difusamente na carta sôbre a pobreza, mas faz-se mister repetir o apêlo.

Bem fácil é tomarmos nesse ponto posição defensiva, continuando modo e nível de vida, que, na realidade, pode ser uma paródia da pobreza.

Um irmão, precisamente a tal respeito, escrevia-me: “A palavra *burguesia* aborrece, provoca reações em certos indivíduos; mas a realidade é que, por causa da falta de formação para a pobreza pessoal própria de quem vive hoje uma vida de consagrado, deixam-se levar por uma tendência bem marcada e infantil para a vida burguesa: levantar-se sempre mais tarde, prolongar cada vez mais o tempo dos divertimentos, das viagens, dos espetáculos, comer sempre melhor, dispor cada vez mais de dinheiro para caprichos pessoais inteiramente supérfluos...” É por certo um quadro triste. Gostaria que não fôsse verdadeiro.

É por demais importante que se encarem as situações com lealdade e se tomem corajosas providências.

Tôda medida concreta nesse sentido na comunidade é uma operação que dá nôvo vigor e saúde espiritual a todos.

Parece-me oportuno, ao tratar dêsse assunto, esclarecer também a posição da Congregação frente a comportamentos que talvez derivem do desejo de viver com maior coerência a nossa pobreza, mas que não parecem corresponder ao estilo salesiano.

Esclareçamos as idéias com relação ao nosso apostolado

Alguém querará viver em meio aos favelados, isto é, dividir de maneira total o nível de vida dos mais pobres, para dar testemunho de pobreza e demonstrar-lhes que estamos com êles e os compreendemos. Por isso alguns deseja-

riam que se formassem pequenas comunidades de salesianos, que morassem entre os favelados, dividindo-lhes a sorte e ganhando o pão com o trabalho das próprias mãos como se fôsem operários ou empregados.

Pode isso ser, aliás é de fato um carisma suscitado pelo Espírito Santo na Igreja. Religiosos há que têm precisamente essa missão e a cumprem com edificação e, creio, com fruto. Enchem-nos de admiração.

Mas preciso é logo acrescentar com tôda a franqueza que essa não é uma vocação salesiana. Nosso compromisso não se esgota com um puro testemunho. Melhor ainda, nosso testemunho principal é o do nosso trabalho.

Dom Bosco era pobre, viveu sempre pobre, mas promoveu sempre o progresso, a elevação social. Logo que podia, melhorava as condições de vida dos seus meninos. Não deixou perpétuamente a casa Pinardi como a encontrou no início.

Para nós, interessarmo-nos pelos pobres não pode significar tão somente vivermos numa favela, mas significa trabalhar em prol deles, para a sua educação, formação e promoção.

Na realidade temos um bom número de salesianos que vivem e trabalham entre os favelados. Há-os em muitas nações. São heróis autênticos na vanguarda. Nós os encorajamos de todos os modos.

Mas querer agir fora dêsses casos, poderia ser uma espécie de esnobismo artificial, ainda mais que se acaba por não dividir plenamente a sorte dos pobres: pois não temos a falta de segurança que têm eles, por estarmos amparados pela Congregação e apoiados nela.

Coisa semelhante se deve dizer do trabalho feito fora de casa.

Os salesianos, graças a Deus, nunca falharam a essa característica que lhes é própria: trabalhadores, incansáveis

trabalhadores. É como que um orgulho da nossa Congregação. Trabalhou-se. Trabalha-se muito.

Nós não vivemos de rendas de terrenos, nem de bens imóveis, nem de depósitos bancários. Vivemos do nosso trabalho e daquilo que a Providência nos põe nas mãos mediante os nossos benfeitores. Para nós, portanto, não é uma novidade vivermos do nosso trabalho.

Mas crer que trabalho é tão sòmente o que se faz fora de casa religiosa é no mínimo um contra-senso. Deixar a secretaria do colégio para ser o secretário de uma empresa; deixar as aulas ou a catequese ou o ministério, que é o meu trabalho específico, para trabalhar como carregador de pôrto, querendo ao mesmo tempo continuar salesiano, não se compreende que sentido isso possa ter.

A nossa vocação de “educadores”

Onde está então o núcleo central da nossa ação salesiana contra o subdesenvolvimento?

Não somos nem técnicos nem políticos. Nem sequer dispomos de enormes capitais para planos de desenvolvimento.

Somos *educadores* cristãos, *pastores* e, em parte, *missionários*. Nessas três linhas é que se insere a nossa ação, que se pode resumir nesta única afirmação: a nossa ação é uma ação educativa no sentido mais rico que a palavra possa ter.

Voltemos ao exemplo de Dom Bosco, que para nós é norma segura. Que é que fez Dom Bosco?

Frente a situações de subdesenvolvimento (meninos pobres, abandonados, sem teto, com fome etc.), êle não se contentou em dar esmolas, uma ajuda em dinheiro, um prato de comida, uma cama para dormir.

Dom Bosco, na primeira fase da sua atividade, procurou logo um emprêgo para os meninos de que cuidava e, em se-

guida, começou logo a prepará-los, pelo aprendizado de uma profissão, “a ganharem com o suor do próprio rosto o pão da vida”. Era uma verdadeira obra de promoção popular, qualificando e formando o futuro operário.

Também na atividade missionária cumpre salientar que Dom Bosco não se contenta com uma obra puramente evangelizadora (pregação do Evangelho). Quer que seja acompanhada ou precedida por um trabalho de promoção e de civilização.

Antes de tudo leva para a frente a idéia, que é nova em certo sentido, de começar a obra missionária criando colégios, escolas, internatos, “nas cercanias dos lugares onde habitam os selvagens”, a fim de que êstes recebam a mensagem cristã por intermédio de seus próprios filhos. Vem em seguida a obra de cunho promocional, que Dom Bosco quer que esteja unida à pregação do Evangelho.

Num *Memoriale intorno alle Missioni Salesiane*, de 13 de abril de 1880, apresentado a Leão XIII, dizia Dom Bosco que a finalidade da sua obra era “abrir internatos, nas redondezas da zona dos selvagens, a fim de que servissem de seminário menor e asilo para os mais pobres e abandonados. Esse é o meio para abrirmos caminho a fim de propagarmos o Evangelho entre os índios Pampas e Patagões”.

Depois de explicar o que se havia feito, acrescenta: “Enquanto alguns se ocupam ensinando artes, ofícios, agricultura nas colônias já estabelecidas, outros continuam a avançar entre os selvagens para catequizá-los e, se possível, fundar colônias em zonas mais para o interior do deserto” (33).

E numa carta ao P. Bodrato diz como foi levado a “eceptar... o oferecimento das missões destinadas à civilização e evangelização dos habitantes daquelas regiões vastas e incultas” e como é que tinha ido falar com o Santo Padre, “porque desejava tornar sempre mais estável a obra civilizadora no meio dêsses povos e, portanto, facilitar entre os

índios conhecimento e prática das artes, ofícios e agricultura” (34).

Uma fórmula sempre válida

A exemplo de Dom Bosco, a colaboração que havemos de dar ao desenvolvimento é, de modo principal, educação, qualificação e formação dos homens, os quais são os fatores principais do desenvolvimento.

É de grande satisfação para nós, salesianos, podermos constatar que ainda hoje a ação educadora é considerada pelos especialistas como a “chave do desenvolvimento” e que, portanto, pode dizer-se com justeza que a nossa colaboração está bem centrada e é eficiente.

A Encíclica *Populorum Progressio* afirma claramente que “a educação de base é o primeiro objetivo de um plano de desenvolvimento” e que “saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional é recobrar confiança em si mesmo e descobrir que se pode progredir com os outros” (35).

E os *Documentos de Medellín* confirmam-no explicitamente, quando dizem: “A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda escravidão e fazê-los subir de condições de vida menos humanas a condições mais humanas (36), levando em conta que o homem é o responsável e o artífice principal de seu êxito ou de seu fracasso (37)” (38).

Além disso, “a educação é a melhor garantia de desenvolvimento das pessoas e de progresso social; já que, conduzida de maneira correta, não só prepara os autores do desenvolvimento, mas também é a melhor dispensadora dos seus frutos, que são as conquistas culturais da humanidade” (39).

Também os leigos que estudam o problema concordam plenamente com essa estratégia. Alfredo Sauvy, especialista

em desenvolvimento, escreve no jornal *Le Monde*: “Depois de muitos erros e indecisões, os economistas de tôdas as nações, também da América, chegam a pouco e pouco a sustentar que a chave do desenvolvimento não é o dinheiro, como por muito tempo se acreditou, não os capitais, porém a cultura, a capacidade dos homens em saber usufruir as riquezas naturais que possuem. A sabedoria chinesa enunciou de há muito êste fato evidente: “Dai um peixe a um homem: terá o que comer por um dia; ensinai-lhe a pescar: terá o que comer para tôda a vida” (40).

Está de pleno acôrdo com isto o Arcebispo de Dacar, Dom Thiandum, que, em conferência feita na França, afirmou: “Creio possa dizer sem medo de errar, que as nações sub-desenvolvidas têm maior necessidade de um esforço na linha da educação do que de dinheiro ou roupas. Para um povo que queira conquistar o seu lugar nos quadros da economia mundial, a ajuda financeira, por valiosa que seja, nunca substituirá a capacidade e o trabalho pessoal dos seus filhos. A missão fundamental da assistência técnica parece-me seja antes e acima de tudo uma obra de educação” (41).

Êsses conceitos, se por um lado confirmam nossa decisão de nos mantermos no caminho que queremos trilhar, não nos devem tranquilizar demais nem levar-nos a dormir, dando-nos a falsa segurança de que tudo corre às mil maravilhas e de que basta sejamos educadores para estarmos prestando serviço ativo e eficiente em prol do desenvolvimento.

Educação libertadora

É necessário que perguntemos com mentalidade crítica: a educação que damos é fator de desenvolvimento? É de verdade? Como alcançarmos tal objetivo?

Os *Documentos de Medellín* usam uma expressão que me parece muito feliz. Dizem que a educação deve ser “libertadora”.

De per si tôda educação é libertadora, traz consigo uma libertação. Libertação, em primeiro lugar, da ignorância, que é uma espécie de escravidão; e depois de muitas outras falhas, que são em parte fruto da ignorância e que põem o homem em situação de dependência, diria, constitucional.

A educação, como formação moral, deve também libertar do egoísmo, do pecado, dos vícios etc.

Mas o conceito de “educação libertadora” significa algo mais no contexto da luta contra o subdesenvolvimento, contexto em que deve estar inserida.

Signifaca preparar os “liberadores”, isto é, os realizadores das mudanças e do desenvolvimento. Amadurecer homens com personalidade integral, harmônica, cristã, capazes de se libertarem a si próprios e libertarem a outros de estruturas opressoras, de situações injustas; homens que não se fechem, como conchas, no próprio bem-estar individual, mas sintam profundamente a vocação cristã de “servirem” os irmãos; homens capazes de serem mensageiros da esperança cristã, ainda quando os horizontes humanos poucos motivos dêem de esperança.

Façamos um exame de consciência

Surge aqui espontânea uma pergunta que nos tange de perto: Como e até que ponto é libertadora a educação que estamos dando?

Para responder a essa pergunta devemos de fazer sincera e leal “revisão” do conteúdo do nosso trabalho educativo.

Confesso que tenho por vêzes a impressão de que em nossa obra educadora talvez estejamos dando pouca importância e relêvo aos valores e compromissos sociais do cristão.

Parece talvez que a nossa principal e única preocupação seja a de formar a personalidade, mas personalidade por de-

mais individual, à maneira de ilha, auto-suficiente, quase a prescindir do mundo socializado em que vivemos, e que se torna cada vez mais socializado (não no sentido marxista, mas no sentido de relações de pessoa a pessoa).

Havemos então de examinar bem quais são os principais valores que transmitimos, quando educamos.

Dirá alguém que são valores humanos e cristãos. E é certo: êsse é o nosso empenho principal. Mas há, por assim dizer, “valores latentes”, que se transmitem, não através de ensinamento direto, mas que são assimilados como partes de um sistema.

Precisamente em vista dêsses valores latentes é que receio formemos mais para um isolamento egoísta do que para a inserção na sociedade; mais para a responsabilidade pessoal do que para a responsabilidade social; mais para o respeito da ordem estabelecida (capitalista, burguesa) do que para as mudanças, para a melhora dessa mesma ordem.

Numa palavra: educamos para “terem mais” e não para “servirem mais”.

Talvez por isso é que, se bem considerarmos, não são tão numerosos como deveriam ser os dirigentes cristão, reponíveis, que saem dos nossos Institutos.

Eduquemos os jovens para o sentido social

Parece-me, pois, útil e prático descer a alguma sugestão concreta, para alcançarmos maior eficácia na educação que damos e para torná-la “fator fundamental e decisivo do desenvolvimento”.

— Intensifique-se a formação social da juventude pela qual somos responsáveis, antes de tudo da juventude que segue o currículo da formação salesiana. Isto se dará pelo

conhecimento da doutrina social cristã e dos principais documentos relativos à mesma (*Mater et Magistra, Pacem in Terris, Populorum Progressio, Gaudium et Spes, Documentos de Medellín* etc.). Devemos conseguir formação sólida e segura; um simples verniz já não é suficiente. A doutrina social, entre nós, deve ser matéria de sério ensinamento.

— Proporcione-se também, de maneira graduada, conhecimento profundo e crítico dos sistemas filosóficos, sociais, econômicos mais difundidos, especialmente do marxismo e do capitalismo. Esse último, de maneira especial, deve ser apresentado no seu verdadeiro aspecto, porque em geral a informação que dêle se recebe tem muitas lacunas.

— Dêem-se também amplas informações e conhecimento dos problemas da fome, da miséria do subdesenvolvimento, orientando os alunos, desde pequenos, para uma visão cristã, para um interesse fraterno com relação aos mesmos problemas e despertando nêles atitudes e disposições de serviço para com os irmãos do Terceiro Mundo. A *Populorum Progressio* faz precisamente esse apêlo, do qual talvez não tenhamos feito caso: “Educadores, a vós é que cabe suscitar desde a meninice o amor para com os povos que vivem na miséria” (42).

— Dê-se com muita prudência, mas também com clareza, formação política adequada, levando com objetividade nossos alunos dos Cursos Superiores ao conhecimento e exame crítico dos sistemas políticos e programas dos principais partidos políticos, preparando-os nesse campo para opções que correspondam à formação cristã que receberam. A recomendação de Dom Bosco de que “não nos metamos em política” e de que “não falemos de política” não pode significar deixemos os nossos alunos despreparados num setor tão importante da vida ou que deixemos recebam essa formação do primeiro jornal, colega ou encontro, quando chegarem à Universidade.

— Ajudem-se, guiem-se os alunos ao conhecimento e análise ponderada dos fenômenos e processos locais (economia, problemas familiares, delinquência juvenil, drogas, racismo, colonialismo, guerrilhas, paz etc.). Isso se poderá fazer útilmente com leitura crítica dos jornais, coneforum, círculos de estudo, conferências etc.

— Procure-se desenvolver nos alunos o sentido comunitário e a abertura, numa linha de serviço, para o meio humano que os rodeia, especialmente para os mais pobres.

Há nos Salmos sôbre isso uma frase muito profunda: “Feliz do que se elevou até à compreensão do pobre e do indigente”.

Talvez tenhamos que reconhecer serem em muitos casos verdadeiras as palavras que já no seu tempo Bossuet bradava aos seus ouvintes: “Parece-me que de todos os lados se levanta um grito de angústia que deveria partir-nos o coração e que talvez nem chegue aos nossos ouvidos!”

Por que uma surdez assim? Por que essa incompreensão do pobre, do indigente? É falta de fé? de coração? de atenção? Sim, é falta daquela sensibilidade alimentada pela fé que não nos deixaria passar pelo meio das misérias do próximo sem nada ver.

Por vêzes nossos Institutos podem ser verdadeiras “ilhas”, sem nenhuma influência imediata e ativa no ambiente que os rodeia, e que tantas possibilidades lhes ofereceria de aberturas sociais.

Muito importante é que o “sentido comunitário” não se feche sôbre si mesmo. Isso poderia levar o jovem de hoje, o homem de amanhã, a viver emparedado dentro de pequenos grupos egoístas.

O sentido comunitário deve ser aberto, deve preparar o jovem à plena participação na sociedade, compreendendo e

reconhecendo as carências e as responsabilidades do mundo em que vai viver; o sentido comunitário deve sobretudo tornar o jovem consciente e capaz de assumir os direitos e exercer as responsabilidades sociais. Isso, em última análise, outra coisa não é se não prepará-lo para as mudanças e transformações das estruturas que disso tiverem necessidade e urgência.

— Cultive-se enfim nos jovens, desde os primeiros anos, o espírito de generosidade, de serviço, combatendo decididamente o egoísmo. Procure-se habituá-los ao diálogo e estimular-lhes as capacidades criadoras.

Tudo isso deve ser feito à luz de uma visão cristã do mundo, a qual é difusão do amor, não sementeira de ódio; é construção, não destruição; confraternização que une, não luta que cava abismos.

Todo êsse programa de ação deve ser atuado sem suscitar, nem direta nem indiretamente, rancores, ressentimentos, ódios. Deve-se evitar tôda e qualquer demagogia fácil. O trabalho a que devemos pôr mãos (e dêle somos responsáveis diante de Deus) não é formar guerrilheiros nem revolucionários, mas cristãos profundamente comprometidos.

Recomendo vivamente aos caríssimos Inspetores e Diretores estudem e façam estudar a maneira de pôr em prática as sugestões que fiz, e outras que aparecerem adequadas e oportunas, segundo as condições das diversas nações e de cada lugar. Como disse acima, o problema interessa a todos, seja qual fôr a parte do mundo em que vivem e trabalham. Formas e maneiras podem porém variar conforme as circunstâncias.

Espero que as minhas palavras não fiquem reduzidas a vãs exortações. Confio-as à sensibilidade cristã e salesiana de cada um de vós, de acôrdo com as próprias responsabilidades.

A nossa preferência é sempre para os pobres

Permiti que acrescente ainda um convite, num plano de ação muito concreto.

Na Assembléia dos Inspetores salesianos da Ásia, em Bangalore, assumiu-se êste empenho formal: “Viveremos mais como pobres e seremos sinal mais patente de Cristo pobre, se nos diversos países em que trabalhamos, todos puderem verificar que o primeiro lugar em nossas obras se dá à juventude que, naqueles países, é considerada como pobre e abandonada”. (43).

E a Conferência dos Inspetores salesianos da América Latina, em Caracas, exortou voltássemos corajosamente “ao trabalho entre a juventude pobre e abandonada, principalmente nos lugares em que êsse testemunho se haja obscurecido e a imagem da Congregação se haja deformado. Em nosso mundo subdesenvolvido, êsse testemunho é urgente e nos obriga a esmerada e contínua revisão de nossos passos” (44).

Essa exortação continua a ser sempre válida e necessária, e eu ansiosamente vô-la renovo mais uma vez.

Olhando para a Congregação no seu conjunto, podemos afirmar que trilhamos o caminho que Dom Bosco nos traçou e estamos no caminho certo.

Mas pode haver obras que, iniciadas em favor das classes pobres e modestas, foram aos poucos levantando o nível social, acabando por se tornarem, diria, quase aristocráticas. Poderia dar-se que essas obras hoje não correspondam mais à nossa missão.

Não quero com essas palavras pronunciar juízo global e unilateral sobre tôdas as obras que não se ocupam exclusivamente dos pobres. Obras há que são muito válidas, que desempenham missão preciosa, porque estão a formar dirigentes, homens conscientes de sua responsabilidade social,

cristãos e cristãos convictos. Não me refiro portanto, a tais obras.

Mas, como já disse tantas vêzes, creio que em tôdas as Inspetorias é necessário que se faça uma revisão, um “redimensionamento” mais corajoso, libertando-nos de um sentimentalismo sem razão e recolocando várias das nossas obras na linha autenticamente salesiana.

“Integração” das diversas obras

Há outro problema muito ligado a êsse: é o problema da “integração” das nossas obras. Talvez algumas delas se tenham enclausurado e limitado por demais à “escola” e mesmo a um determinado tipo de escola. Tais obras podem e devem dinamizar-se, abrir-se, “integrar-se”.

Isso quer dizer que é urgente apelar para uma certa imaginação criadora a fim de completar a atividade escolar com outras atividades para-escolares e pós-escolares.

Um exemplo são as escolas noturnas para operários, as quais eram tão caras a Dom Bosco. Lembro que, ao ser oferecida ao nosso Pai a obra de San Nicolás de los Arroyos, pediram-lhe que a equiparasse a colégio de “condição civil”. Aceitou com esta advertência: “Como o fim principal da Congregação Salesiana é cuidar dos meninos pobres e em perigo moral, espero que os salesianos terão a liberdade de abrir para êles a escola noturna...” (45). É um exemplo que nos deve fazer refletir.

Há também em muitas nações a obra da alfabetização, obra tão útil, em que vários dos nossos irmãos se tornaram realmente beneméritos.

Como essas, muitas outras iniciativas. Não vou enumerá-las. A vossa imaginação e mais ainda a vossa sensibilidade salesiana saberão realizar muitas outras, porque é mesmo necessário.

Encaremos a realidade com coragem

Quero prevenir-vos contra um perigo: o instinto de defesa, que vai achar mil e uma justificativas para vos convencer de que tudo corre bem, que não é preciso mudar nada, e que afinal as coisas não estão assim tão mal.

Devemos ser leais, corajosos e, mais ainda, constantes. A maior coragem é a coragem da constância!

Caríssimos filhos, quis despertar vossa atenção para o fenômeno do subdesenvolvimento que estrangula como num “círculo infernal” (46) dois terços da humanidade. Este problema não interessa somente a tantos excelentes irmãos que estão na linha de frente, trabalhando com heroísmo verdadeiro, embora revestido de simplicidade. Este problema interessa também a toda a Congregação.

É verdade que estamos às portas do Capítulo Geral Especial, que certamente se vai ocupar de todo esse conjunto de problemas. Mas penso que o coração dos salesianos não queira esperar por essa hora para responder com os fatos ao grito que se levanta de milhares de vozes que choram, grito que a Igreja e Dom Bosco nos transmitem, dizendo: “Tende pena desses vossos irmãos!”

Caríssimos, saúdo-vos com vivo afeto, um por um, e vos peço a caridade das vossas orações por tantas necessidades minhas pessoais e pelas responsabilidades que pesam sobre meus ombros.

Que a Virgem Auxiliadora vos abençoe a todos.

Af.mo P. Luís Ricceri,
Reitor Mor

(1) Ver 1 Jo 1,1.

(2) P. Lebreton, *Dynamique concrète du développement*. Paris 1961.

(3) *Populorum Progressio* n. 21.

- (4) *Populorum Progressio* n. 4.
- (5) H. Câmara, *Terzo Mondo defraudato*. Milano 1969; p. 27.
- (6) H. Câmara, *Terzo Mondo defraudato*. Milano 1969; p. 39.
- (7) *Encicliche e Discorsi di Paolo VI*. Ed. Paoline; vol. VIII, p. 177.
- (8) *Encicliche e Discorsi di Paolo VI*. Ed. Paoline; vol. VIII, p. 437 ss.
- (9) P. Houtart, *La Chiesa di fronte allo sviluppo del Terzo Mondo, em Teologia del Rinnovamento*. Assisi; p. 115.
- (10) *Populorum Progressio* n. 29.
- (11) *Populorum Progressio* n. 33.
- (12) *Populorum Progressio* n. 14.
- (13) Mons. Huyghe, *Per un rinnovamento della vita religiosa*, em: Diversos Autores, *I religiosi oggi e domani*. Roma 1968; p. 226.
- (14) *Populorum Progressio* n. 3.
- (15) *Ver Gaudium et Spes* n. 63.
- (16) *Documentos de Medellín* I, 1 — em *SEDOC* (1968) n. 5, col. 667.
- (17) *Encicliche e Discorsi di Paolo VI*. Ed. Paoline; vol. XVI, p. 439.
- (18) Card. Léger, *L'uomo problema sfida la Chiesa*. Ed. Cittadella; p. 52.
- (19) *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Torino 1946; p. 123 ss.
- (20) *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*. Torino 1946; p. 127.
- (21) *Epistolario*, vol. III, p. 221, carta 1939.
- (22) *Epistolario*, vol. III, p. 166, carta 1877.
- (23) *Epistolario*, vol. III, p. 600, carta 2063.
- (24) *Mem. Biogr.* VIII, 534.
- (25) *Mem. Biogr.* XV, 521.
- (26) *Mem. Biogr.* XV, 525.
- (27) *Mem. Biogr.* XV, 525.
- (28) *Mem. Biogr.* XV, 525.
- (29) *Mem. Biogr.* XV, 525.
- (30) *Encicliche e Discorsi di Paolo VI*. Ed. Paoline; vol. XVI, p. 209 ss. Ver também em *SEDOC* (1968) n. 3, col. 289.
- (31) *Encicliche e Discorsi di Paolo VI*. Ed. Paoline; vol. XVI, p. 469.
- (32) *Populorum Progressio* n. 32.
- (33) *Epistolario*, vol. III, p. 572, carta 2031.
- (34) *Epistolario*, vol. III, p. 577, carta 2035.

- (35) *Populorum Progressio* n. 35.
- (36) *Populorum Progressio* n. 20.
- (37) *Populorum Progressio* n. 15.
- (38) *Documentos de Medellín*, 4, II, 1 — em *SEDOC* (1968) n. 5, col. 689.
- (39) *Documentos de Medellín*, 4, III, 1, 1 — em *SEDOC* (1968) n. 5, col. 690.
- (40) Ghedo Piero, *Predicare il Vangelo o aiutare i poveri?* em *Umanesimo ed evangelizzazione*. Milano 1969.
- (41) Mons. Thiandum, *Vision chrétienne des déséquilibres économiques et sociaux*, em *Responsables*, set. out. 1963, p. 221.
- (42) *Populorum Progressio* n. 83.
- (43) *ACS*, julho de 1968, n. 252, p. 37 (ed. vernácula, p. 35).
- (44) *ACS*, julho 1968, n. 252, p. 77 (ed. vernácula, p. 68).
- (45) *Epistolario*, vol. II, p. 431, carta 1260.
- (46) *Lettre Pontificale à M. Alain Barrère*, président des Semaines Sociales de France. Dijon, julho 1970; em *L'Osservatore Romano*, ed. em português, ano I, n. 28 (12-7-1970), p. 2, col. 4.

IV. COMUNICAÇÕES

Normas para o "Ordo Missae et Officii" de 1971

A vista das mudanças feitas no Calendário litúrgico universal e da uniformidade do novo Calendário para toda a Igreja, tomou-se a decisão de não imprimir, para 1971, o Calendário próprio da nossa Congregação.

Valham-se, portanto, os salesianos, do Calendário litúrgico diocesano. A seu tempo será enviado para todas as Casas o "Próprio Salesiano" a inserir-se no Calendário diocesano.

Novos Bispos salesianos

a) O Santo Padre promoveu à sede arquiepiscopal de Asunción (Paraguai) S. Excia. Revma. D. Ismael Rolón, Bispo de Caacupé.

b) O Santo Padre promoveu à sede episcopal de Dibrugarh (Índia) o Revmo. P. Roberto Kerketta, diretor da "Don Bosco Technical School" de Krishnagar.

Nomeação de Inspetores

P. João Sol, para a Inspetoria de Buenos Aires (Argentina).

P. Miguel Mouillard, para a Inspetoria de Lião (França).

P. Carlos Oerder, para a Inspetoria de Colônia (Alemanha).

P. Eduardo Fox, para a Inspetoria de Londres (Inglaterra).

P. Artur Morlupi, para a Inspetoria de Ancona (Itália).

P. Demétrio Licciardo, para a Inspetoria do PAS-Roma (Itália).

P. Estêvão Zerdin, para a Inspetoria de Ljubljana (Jugoslávia).

P. Nicolau Pavicic, para a Inspetoria de Zagreb (Jugoslávia).

P. Félix Zolnowski, para a Inspetoria de Lodz (Polônia).

P. Agostinho Dziedziel, para a Inspetoria de Cracóvia (Polônia).

P. João Canals, para a Inspetoria de Barcelona (Espanha).

P. Antônio Mélida, para a Inspetoria de Valência (Espanha).
P. Ildefonso Gil, para a Inspetoria de Quito (Equador).
P. Antônio Hidalgo, para a Inspetoria de Sevilha (Espanha).

Solidariedade fraterna

Publicamos a terceira lista de ofertas chegadas entre o mês de março e julho inclusive, seguida, como de costume, da lista das obras a que foram destinadas.

As quantias mandadas diretamente pelas Casas ou pessoas foram atribuídas às próprias Inspetorias.

Em todos os casos foi respeitada a finalidade indicada.

Inspetorias das quais provieram as ofertas:

ITÁLIA

Campânia — Calabria	L. 2.679.000
Central	L. 230.000
Ligúria — Toscana	L. 1.000.000
Lombardia — Emília	L. 150.000
Novara — Suiça	L. 250.000
PAS — Roma	L. 22.260
Apúlias — Lucânia	L. 1.589.000
Roma — Sardenha	L. 280.000
Sicília	L. 1.500.000
Subalpina	L. 2.513.000
Veneza	L. 163.000
Verona	L. 126.000

EUROPA

Europa Oriental (diversos países)	L. 165.000
Colônia (Alemanha Norte)	L. 172.830
Munique (Alemanha Sul)	L. 3.449.800
Holanda	L. 680.000
Córdova (Espanha)	L. 700.000
Sevilha (Espanha)	L. 1.838.750

AMÉRICA

Buenos Aires (Argentina)	L. 2.095.214
Rosário (Argentina)	L. 87.000
Chile	L. 500.000
New Rochelle (EEUU Leste)	L. 638.875
São Francisco (EEUU Oeste)	L. 895.000
Venezuela	L. 3.666.875

ASIA

Oriente Médio	L. 60.000
Bombaím (Índia)	L. 72.940
Gauhati (Índia)	L. 95.000
Madras (Índia)	L. 1.843.000

AUSTRÁLIA

Austrália	L. 464.640
Total das quantias recebidas	L. 27.927.184
Depósito caixa anterior	L. 148.261
Total disponível	L. 28.075.445

Destino das quantias recebidas

Algumas das quantias abaixo elencadas tinham destino prefixado pelos doadores.

— <i>Argentina</i> : para as obras sociais de Villa Regina	L. 150.000
— <i>Bolívia</i> : para a reconstrução da Capela do Noviciado de Cochabamba	L. 600.000
— <i>Bolívia</i> : para terminar a construção do Aspirantado de Calacoto — La Paz	L. 3.000.000
— <i>Bolívia</i> : para o Centro Juvenil na periferia de La Paz	L. 312.000
— <i>Brasil</i> : para a construção do novo Aspirantado na Inspetoria Missionária de Manaus	L. 3.000.000
— <i>Brasil</i> : para a obra em favor dos meninos abandonados de Belém - Sacramento	L. 290.000

— <i>Brasil</i> : para a Paróquia da favela de Jacarèzinho (Rio de Janeiro)	L. 1.000.000
— <i>Brasil</i> : para a Prelazia Missionária de Pôrto Velho	L. 30.000
— <i>Brasil</i> : para a escola profissional na periferia de Joinville	L. 2.000.000
— <i>Colômbia</i> : para a construção de novos dormitórios no orfanato “Ciudad Don Bosco” de Medellín	L. 2.000.000
— <i>República Dominicana</i> : para o acabamento dos escritórios da Paróquia e a construção de ambientes para os irmãos junto à Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, de S. Domingos	L. 1.000.000
— <i>República Dominicana</i> : para as obras paróquias de Jarabacoa	L. 630.000
— <i>Equador</i> : para a Vila Paulo VI no Vacariato de Mendez e Gualaquiza	L. 680.000
— <i>Equador</i> : para a reconstrução da Missão de Sucua	L. 80.000
— <i>Haiti</i> : para a construção da Igreja paroquial de Cap-Haitien	L. 1.000.000
— <i>Paraguai</i> : para terminar a construção do Aspirantado de Ypacaraí	L. 1.500.000
— <i>Paraguai</i> : para o Oratório da Missão de Puerto Casado	L. 93.750
— <i>Paraguai</i> : para a aquisição de “land-rover” na Paróquia rural de Concepción	L. 1.984.000
— <i>Estados Unidos</i> : para a Paróquia do bairro pobre dos homens de côr de Birmingham	L. 500.000
— <i>Uruguai</i> : para a reforma do Noviciado de Las Piedras	L. 1.000.000

AFRICA

— <i>Congo</i> : para a escola do pré aprendizado de Kashibwe	L. 954.000
---	------------

ASIA

— <i>Formosa</i> : para a Paróquia missionária de Tainan	L. 500.000
— <i>Japão</i> : para a construção da casa paroquial e para a biblioteca da Casa Central da Missão de Beppu	L. 800.000

— <i>Japão</i> : para a construção das obras paroquiais de Arakawa — Tóquio	L. 265.000
— <i>Índia</i> : para o novo Bispo de Dibrugarh	L. 1.000.000
— <i>Índia</i> : para a Missão de Vellore	L. 50.500
— <i>Índia</i> : para a obra assistencial fundada pelo P. Mantovani em Madras	L. 500.000
— <i>Índia</i> : para a assistência dos favelados de Wadala-Bombaim	L. 500.000
— <i>Coréia</i> : para o Estudantado e Noviciado de Seul	L. 500.000
— <i>Vietnã</i> : para as Casas de formação de Go Vap, Thu Duc e Tram Hanh	L. 1.000.000

EUROPA

— <i>Europa Oriental</i> :	L. 1.093.750
Total de quantias distribuídas	L. 28.013.000
Em caixa	L. 62.445
Total	L. 28.075.445

V. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

A crônica deste número dos ACS abrange os meses de março a setembro de 1970.

Antes de tudo, é necessário pôr em evidência a viagem do Reitor Mor à América do Sul, realizada nos meses de maio e junho. A finalidade principal desta visita era encontrar-se com os Inspetores, Vigários Inspetoriais e Diretores das Casas de formação, para tratar com eles dos problemas que a hora presente levanta a nossa Congregação nas Inspetorias da América Latina. Houve três encontros, durando cada um deles quatro dias, nas seguintes cidades: Caracas, de 30 de maio a 2 de junho; Brasília, de 5 a 8 de junho; Ansunción, de 11 a 16 de junho.

Fêz-se um amplo exame da vida religiosa e das atividades de nossos irmãos, relacionadas com as exigências locais, e verificou-se como foram atuadas as diretrizes traçadas em 1968, na reunião dos Inspetores da América Latina.

O Reitor Mor aproveitou da viagem para encontrar-se com muitos irmãos das Inspetorias por onde passou e para lhes dirigir a palavra. Mereceram atenção especial as Casas de formação.

O P. Fedrigotti, encarregado das Missões, preparou a expedição missionária para este ano. O número de pedidos foi satisfatório. Mais de 50 irmãos partirão para as nações que lhes foram designadas, após fazer um curso de preparação em Roma na segunda quinzena de setembro.

Entre fevereiro e junho, como representante do Prefeito Geral, o P. Francisco Láconi, delegado central das Missões, visitou as obras do Alto Orinoco, da Tailândia, do Vietnã, do Japão e das Filipinas. Em Puerto Ayacucho (Venezuela), presidiu um curso de estudos e atualização para salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

O P. Bellido visitou muitos Aspirantados e Noviciados da América Latina, presidiu com o P. Pedro Garnero importante reunião do pessoal dos Aspirantados, em Campo Grande (Brasil).

Presidiu, outrossim, a duas reuniões, sempre para pessoal que trabalha em Aspirantados, em Como e em Pacognano, para as Inspetorias italianas, visitando depois vários Aspirantados da Itália e da Espanha.

Nos meses de abril e maio visitou canonicamente a Inspetoria das Apúlias e Lucânia.

O P. Pilla esteve seguindo os trabalhos da construção da futura sede da Direção Geral das Obras Salesianas, em Roma. Os trabalhos já estão bem adiantados e aguarda-se para breve a decisão sobre a possibilidade ou não de se realizar na nova sede em Roma o próximo Capítulo Geral Especial.

O Conselheiro para a Formação, P. Pianazzi, visitou os Estudantados teológicos da Espanha e Portugal, e depois os da Itália e o Pontifício Ateneu Salesiano. Em diversas reuniões com os Inspetores da Itália, tratou-se da organização dos estudos teológicos e, de modo especial, estudou-se a maneira de sistematizar os grupos de estudantes que freqüentam, como externos, Institutos de teologia, quer nossos quer não.

O P. Scrivo, Conselheiro da Pastoral da Juventude, visitou canonicamente a Inspetoria Lombardo-Emiliana e promoveu iniciativas várias, em relação com o próximo Capítulo Geral Especial.

O Conselheiro para os Apostolados Sociais, P. Fiora, fez a visita canônica à Inspetoria Siliciana. Introduziu e acompanhou o processo para o reconhecimento por parte da Santa Sé para o reconhecimento das "Voluntárias de Dom Bosco" como Instituto Secular. Dedicou-se, além disso, à Preparação do Congresso Mundial dos Exalunos a realizar-se no mês de setembro em Turim e Roma.

Os Conselheiros Regionais visitaram as seguintes Inspetorias: o P. Giovannini, a Inspetoria Subalpina; o P. Segarra, a Inspetoria do México (N. S. de Guadalupe); o P. Garnero, as Inspetorias de Bogotá e Medellín (Colômbia); o P. Castillo, a Inspetoria Chilena; o P. Tohill, a Inspetoria Japonesa e a Visitadoria da Coreia; o P. Ter Schure, no mês de agosto, fez uma visita rápida às Inspetorias da Polônia e Jugoslávia.

Dentre as iniciativas mais interessantes de que tivemos notícia relevamos as seguintes:

Em Bogotá (Colômbia), no Colégio Leão XIII, começou no mês de março último, o "Instituto de Pastoral Juvenil", curso universitário, agregado à Universidade Xavieriana dos Padres Jesuítas, com a duração de dois anos, para o estudo dos problemas ligadas à pastoral dos jovens. Para o ensino, o Instituto conta com a cooperação de três famílias religiosas: os Jesuítas, as Irmãs de Nossa Senhora da Apresentação e os Salesianos. E já está sendo frequentado por alunos de 17 Congregações religiosas, de 11 nações da América Latina.

Em Muzzano (Itália), repetiu-se nesses últimos meses o Curso para os Diretores novos da Itália e Espanha. Ao mesmo tempo, em quatro lugares diferentes (Pacognano, Frascati, Brescia, Muzzano) deu-se um Curso de atualização para todos os Diretores das Inspetorias italianas.

Digna de nota uma iniciativa de todo em todo nova das Inspetorias piemontesas: 30 clérigos, na iminência de fazer os votos perpétuos, prepararam-se fazendo um mês de exercícios espirituais de S. Inácio.

VI. DOCUMENTOS

Carta dos irmãos que participaram do “Curso de Atualização Ascético-Pastoral”

San Antonio de los Altos, 10 de julho de 1970.

A todos os irmãos salesianos:

Terminando esta experiência, a primeira na Congregação Salesiana, realizada na América Latina e para a mesma, sentimo-nos na obrigação de dizer a todos quais os nossos sentimentos.

Podemos assegurar-lhes, caríssimos irmãos, a todos os que ainda não puderam experimentar as satisfações de tal encontro, que a experiência foi positiva.

Com a reflexão e o estudo tocamos com mão a necessidade urgente que existe na Congregação de preencher o vazio espiritual, que o trabalho e a pressa com que se vive, impedem de ver em tóda a sua tremenda realidade. Estamos convencidos de que, sem uma profunda base espiritual, o nosso trabalho apostólico se torna cada vez menos eficaz e, dada a mutabilidade do ambiente em que vivemos, diminui a nossa criatividade apostólica.

Estamos plenamente satisfeitos e sinceramente repletos de alegria e entusiasmo. Foi um encontro com Deus, conosco mesmos, com a Congregação, com os irmãos, em nível de Igreja. Saímos deste encontro revitalizados e enriquecidos sob todos os aspectos.

Auguramos de coração que esta experiência possa ser feita:

— pelos irmãos que sentem a necessidade de uma parada, de uma nova orientação, de uma revitalização de seus ideais religiosos, salesianos, sacerdotais e apostólicos;

— pelos irmãos que mais insistentemente percebem a necessidade de uma *virada* da Congregação, em sintonia perfeita com a marcha da Igreja de hoje;

— pelos irmãos de vanguarda, que, sentindo em si mesmos o desejo de uma fidelidade maior ao Evangelho e a Dom Bosco, se vêem sacudidos pelas novas inquietudes de uma adaptação melhor da nossa missão e carisma às exigências dos tempos.

Agradecemos de coração:

— a Deus, que nos concedeu o dom tão raro quão singular desta graça, para a maturidade de nossa vida salesiana e sacerdotal;

— ao XIX Capítulo Geral, que lançou e aprovou a idéia, e a todos os Superiores, que, em nome da Congregação, levaram a cabo esta experiência em nossa América Latina;

— ao nosso amadíssimo Reitor Mor, “alma” desta realização, que, por meio de seu contínuo contato epistolar e, finalmente, com a sua visita, quis orientar, acompanhar e confirmar nossa experiência;

— às nossas Inspetorias, que com tanta generosidade aceitaram nossa ausência na esperança de um bem maior: esperamos que não se sintam defraudadas no futuro;

— à Inspetoria e aos irmãos da Venezuela, que colaboraram generosamente com sua solidariedade, solicitude e afeto fraterno.

Que nossa Mãe Maria Auxiliadora, “nestes momentos de urgente renovação”, continue a abençoar os novos “encontros” que esperamos continuarão a realizar-se no futuro.

Estes são os fervorosos e sinceros votos que fazem os irmãos do *Curso de Atualização Ascético-Pastoral*.

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. A hora da coragem da verdade

Discurso de Paulo VI na Audiência Geral de 20 de maio de 1970

Diletos filhos e filhas,

Devemos repetir uma frase que pronunciamos no Consistório (reunião dos Cardeais) de anteontem, porque Nos parece que é importante, atual e pode ser repetida, também, numa audiência geral como esta, porque se destina a todos. É a seguinte: a hora que soa no quadrante da história exige, efetivamente, de todos os filhos da Igreja, uma grande coragem e, de modo muito especial, a coragem da verdade, que o Senhor em pessoa recomendou aos seus discípulos, quando lhes disse: "Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não;... (Mt. 5,37).

Este dever, de professar corajosamente a verdade, é tão importante que, o próprio Senhor o definiu como a finalidade da sua vinda a este mundo. Diante de Pilatos, durante o processo que precedeu a sua condenação à cruz, Jesus pronunciou estas graves palavras: "Para isto nasci e para isto vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18,37). Jesus é a luz do mundo (cf. Jo 8,12), é a manifestação da verdade e, para cumprir esta missão, que dá origem à nossa salvação, Jesus ofereceu a própria vida, mártir da verdade que, afinal, é Ele mesmo.

A verdade da fé

Dêste fato surgem duas questões. A primeira é a que veio aos lábios do próprio Pilatos. Ele, talvez não ignaro, mas cético em relação às discussões filosóficas da cultura greco-romana sobre a verdade, ele, magistrado competente para julgar, não teorias especulativas, mas delitos e crimes, admira-se que este Rabi, que lhe tinha sido apresentado como réu de morte, por crime de lesa majestade, se declare mestre da verdade; imediatamente o interrom-

pe e talvez com certa ironia, pergunta: "*Quid est veritas?*" — que é a verdade?" (Jo 18,38). Houve quem engenhosamente, baseando-se nesta frase latina, construiu um estupendo anagrama de resposta: "*Est vir qui adest*" — é o homem que está aqui". Mas Pilatos não espera a resposta e procura concluir imediatamente o interrogatório, resolvendo a questão judiciária. Para nós e para todos, porém, a questão — o que é a verdade? — continua aberta.

É uma grande questão que abrange a consciência, os fatos, a história, a ciência, a cultura, a filosofia, a teologia e a fé. A nós, porém, interessa-nos este último ponto: a verdade da fé, porque é sobre ela que se funda todo o edifício da Igreja, do cristianismo e, por isso, o da nossa salvação e, conseqüentemente, o do destino do homem e da civilização à qual está ligada. Hoje, mais do que nunca, esta verdade da fé apresenta-se como a base fundamental sobre a qual devemos construir a nossa vida. É a *pedra angular* (cf. 1 Ped 2,6-7; Ef 2,20; Mt 21,42).

O fenômeno do medo de crer

E que verificamos a este respeito? Verificamos um fenômeno de timidez e de medo; mas ainda, um fenômeno de incerteza, de ambigüidade e de cedimento. Foi bem identificado nesta frase: "Houve um tempo em que o respeito humano prejudicava tudo. Era uma grande preocupação para os Pastores. O cristão não ousava viver segundo a própria fé... Mas, agora, não se começa a ter medo de crer? Este é um mal mais grave, porque danifica os fundamentos..." (Cardeal Garrone, *Que faut-il croire?* Desclée 1967).

Sentimos a obrigação, no final do ano da fé, de fazer, na festa de São Pedro de 1968, uma explícita profissão de fé, de recitar um *Credo* que, seguindo os autorizados ensinamentos da Igreja e da Tradição autêntica, remonta ao testemunho apostólico que, por sua vez, se funda em Jesus Cristo, Ele mesmo definido "testemunha fiel" (Apoc 1,5).

Mas, hoje, a verdade está em crise. A verdade objetiva, que nos dá a posse cognoscitiva da realidade, é substituída pela verdade subjetiva, a livre opinião pessoal e, às vezes, até a crítica da nossa capacidade de conhecer e de pensar validamente. A verdade filosófica cede o passo ao agnosticismo, ao ceticismo e ao "snobismo" da dúvida sistemática e negativa. Há quem estude e investigue quase mais para demolir do que para encontrar. Prefere-se o vazio. O Evangelho adverte-nos disto "... os homens amaram mais

as trevas do que a luz...” (Jo 3,19). E, com a crise da verdade filosófica (onde está a nossa sã racionalidade, a nossa filosofia perece?), a verdade religiosa desabou em muitos espíritos que já não sabiam admitir as grandes e luminosas afirmações do conhecimento de Deus, da teologia natural e, muito menos, as da teologia da revelação. E, assim, os olhos enevoaram-se e depois ficaram cegos. E ouso-se trocar a própria cegueira com a morte de Deus.

A verdade cristã, portanto, sofre atualmente, perturbações e crises pavorosas. Intolerante, em relação ao ensinamento do magistério instituído por Cristo, como tutela e lógico desenvolvimento da sua doutrina que é a de Deus (cf. Jo 7,12; Lc 10,16; Mc 16,16), há quem procure uma fé cômoda, esvaziando a fé íntegra e verdadeira daquelas verdades que não parecem aceitáveis à mentalidade moderna, e escolhendo, por iniciativa própria, algumas verdades que são consideradas admissíveis (*selected faith*); há também quem procure uma nova fé, principalmente no que diz respeito à Igreja tentando adaptá-la às idéias da sociologia moderna e da história profana (e assim repete o erro de outros tempos, modelando a estrutura canônica da Igreja, segundo as instituições históricas vigentes); há ainda quem deseje confiar numa fé puramente naturalista e filantrópica, numa fé utilitarista, ainda que baseada nos autênticos valores da mesma fé — os da caridade — tornando-a culto do homem e transcurando o seu primeiro valor, o amor e o culto de Deus; há, por fim, quem, com uma certa desconfiança das exigências dogmáticas da fé e com o pretexto do pluralismo, que permite estudar as inexauríveis riquezas das verdades divinas e exprimi-las com diversidade de linguagem e de mentalidade, queira legitimar as expressões ambíguas e incertas da fé e limitar-se a procurá-la para não ter que afirmar e pedir a opinião dos fiéis, perguntando-lhes em que realidades querem crer e atribuindo-lhes um indiscutível carisma de competência e de experiência que expõe a verdade da fé ao perigo das mais estranhas e volúveis arbitrariedades.

Tudo isto verifica-se quando não se presta reverência ao magistério da Igreja, com que o Senhor quis proteger as verdades da fé (cf. Heb 13,7; 9,17).

A coragem de professar a fé

Mas, a nós que, por divina misericórdia, possuímos este “*scutum fidei* — escudo da fé” (Ef 6,16) ou, por outras palavras, uma verdade defendida, segura e capaz de suportar o choque das opiniões impe-

tuosas do mundo moderno (cf. Ef. 4,14), apresenta-se uma segunda questão, a da coragem. Devemos ter, como dissemos, a coragem da verdade. Não vamos agora analisar esta virtude moral e psicológica que chamamos coragem e que todos nós sabemos ser uma força da alma, que significa maturidade humana, capacidade de amor e de sacrifício. Vamos fazer notar apenas, mais uma vez, que a educação cristã se nos apresenta como um campo de treino das energias espirituais, da nobreza humana, do domínio de si e da consciência dos próprios deveres.

E acrescentamos que esta coragem da verdade é exigida, principalmente, de quem é mestre e defensor da verdade; e se refere, também a todos os cristãos batizados e crismados. Não é um desporto agradável, mas uma profissão da fidelidade que devemos a Cristo e à sua Igreja e, hoje, é um grande serviço prestado ao mundo moderno que, talvez mais do que supomos, espera de cada um de nós este testemunho benéfico e confortador.

Para tanto vos ajude, com a graça do Senhor, a nossa Bênção Apostólica.

2. O cristão é um homem de esperança

Discurso de Paulo VI na Audiência Geral de 27 de maio de 1970

Diletos filhos e filhas

Qual deve ser a atitude do homem perante o progresso é um dos grandes interrogativos que a mentalidade moderna apresenta a todos os fiéis. É um interrogativo que, normalmente, surge sob forma de objeção, isto é: o fiel é um homem de psicologia estática, fixa e imóvel; a sua fé dogmática não lhe permite compreender as realidades novas, nem desejá-las ou promovê-las; mais ainda, o fiel encontra-se ancorado no passado, naquele momento da história antiga, em que se verificou o fato evangélico, há dois mil anos; para ele o tempo não passa, o seu olhar dirige-se para trás; por isso, a sua psicologia é tendencialmente alheia aos acontecimentos grandiosos e precipitados do nosso tempo; desconfia das mudanças que se operam em todos os campos da vida humana: no pensamento, na ciência, na técnica, na sociologia nos costumes, etc.; não pode ser 'homem do nosso tempo', não pode compreender os homens; não tem aspirações nem esperanças; é, numa palavra, apático e medroso; e, no campo eclesial, é pré-conciliar... É necessária uma nova mentalidade religiosa, uma nova teologia e uma nova Igreja.

Esta descrição, da imagem preconcebida do fiel, poderia prolongar-se indefinidamente. Trata-se de um problema grave, mas o estilo da nossa alocação, breve e elementar como sempre, permite-Nos apenas apresentá-lo à vossa atenção, acrescentando a simples pergunta: esta descrição é exata? O cristão evita, realmente, o imperativo da atualidade e a atração do progresso? (cf. Dawson, *Progresso e Religião*).

A fé considerada como promessa

Admitimos, ou melhor, defendemos um aspecto essencial do fiel, do cristão, dizendo: êle é o homem da tradição, da tradição em que vive; é o homem de Igreja, ou seja, filho dêste compo social, vivo e místico, que haure a sua vida de Cristo, cabeça dêste corpo, de Cristo que viveu na história do Evangelho e que agora vive na glória celeste, na plenitude divina, à direita do Pai, como afirmamos no *Credo*. O Cristão vive de uma herança, de uma recordação, proveniente de um acontecimento histórica do passado, decisivo para o destino da humanidade, o Evangelho; vive de uma atualidade que lhe foi comunicada no Espírito Santo, por uma esfera que está acima da esfera do tempo e da realidade natural: vive da fé, vive da graça. Se êste fio se partisse, a vida do homem, como cristão, extinguir-se-ia. Trata-se, pois, de uma questão de vida ou morte.

Mas, dizemos já que êste vinculo com o passado e com o transcendente sobrenatural, longe de afastar o cristão do presente e do futuro temporal e ultraterreno, o insere nêles mais intimamente. Por que? Porque a fé, a que êle aderiu, é, por sua própria natureza, uma promessa; ou melhor, é adesão a verdades que ainda se devem manifestar na sua completa cognoscibilidade e na sua posse. A epistola aos Hebreus, como descreve a fé? Com a célebre fórmula: "Ora a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e uma certeza das que não se vêem" (Heb 11,1). Por isso a fé tem uma relação essencial com a esperança.

Desejo do sumo Bem

Sim, com a esperança, que é a fôrça motriz do dinamismo e ainda, como virtude teologal do dinamismo cristão. Aqui seria conveniente fazer a análise da esperança na psicologia moderna: mas a deixamos a vós. Vereis imediatamente que o homem moderno vive de esperança. A sua alma está voltada para o futuro, para um bem a alcançar; o que possui não lhe é suficiente; pelo contrário, aquilo

que possui, em vez de o satisfazer, estimula-o e impele-o a possuir mais, a procurar algo de diverso; o estudo, o trabalho, o progresso, a contestação e, até mesmo, a revolução são as outras esperanças em ato.

Esta fuga para o futuro, própria do nosso tempo, é inteiramente alimentada pela esperança; e quem simpatiza menos com o passado ou com o presente volta o seu coração para o futuro, isto é, espera; com razão diz S. Tomás que a esperança predomina nos jovens (cf. *Summa Theologiae*, I-IIae, q. 40, a. 6), com exceção daqueles que sem esperanças de alcançar um bem melhor no futuro, caem no desespero, como acontece freqüentemente na psicologia crítica e pessimista de tantos homens, também eles filhos do nosso tempo.

O dom da salvação

Ora, o cristão é o homem da esperança e não conhece o desespero. E, no campo da esperança, há uma diferença entre o cristão e o homem profano moderno. Este último é um "*vir desideriorum*", um homem de muitos desejos (entre desejo e esperança há um estreito parentesco: a esperança classifica-se entre os instintos de força, o desejo entre os instintos de gozo, mas ambos tendem aos bens futuros); um homem que procura abreviar a distância que o separa dos bens a conseguir; um homem de esperanças a curto prazo e que as quer satisfazer imediatamente, mas, as esperanças sensíveis, econômicas e temporais, são mais rapidamente alcançáveis e, portanto, imediatamente se dissipam, deixando o coração do homem cansado, vazio e, freqüentemente, desiludido. As suas esperanças não engrandecem o seu espírito, nem dão à vida o seu pleno significado, mas orientam o itinerário da própria vida por caminhos de discutível progresso. O cristão, pelo contrário, é o homem da verdadeira esperança, aquela que almeja à obtenção do sumo Bem (cf. "*Fecisti nos ad Te*" — fizeste-nos para Ti —, de Santo Agostinho, *Confissões*, I,1), e tem a certeza que o seu desejo e esforço são corroborados por aquêles mesmo sumo Bem, o qual infunde, na sua esperança, a confiança e a graça de o conseguir (cf. *Summa Theologiae*, I-IIae, q. 40, a. 7).

Estas duas esperanças, a profana e a cristã, são alimentadas por uma carência da nossa presente condição de vida, pelo sofrimento, pela pobreza, pelo remorso, pela necessidade e pelo mal-estar; mas, uma diversa tensão as sustém embora a cristã possa fazer sua tôda a tensão verdadeiramente humana e honesta da esperan-

ça profana. Não é esta a idéia inspiradora da grande Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, no recente Concílio? “Nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco no coração” dos discípulos de Cristo” (n. 1, cf. Ter “homo sum: humani nihil a me alienum puto”).

Os dois tipos de esperança

Concluimos, pois, corrigindo a falsa concepção do fiel como necessariamente reacionário, pacifista de profissão, estranho à vida moderna, insensível aos sinais dos tempos, um homem sem esperança; podemos, pelo contrário, dizer que é um homem que vive de esperança e que a sua própria salvação cristã, iniciada e incompleta, é um dom que ele deve obter, a meta que deve alcançar, porque lhe foi dada em forma de crédito, isto é, só “na esperança é que fomos salvos” (Rom 8,24); mas se não quer cair no devorador relativismo do tempo que passa e se não quer ceder ao cego desejo das novidades separadas da coerência com a tradição católica, não é por isso que se opõe à renovação e ao progresso que se inspiram no designio divino; pelo contrário, é promotor entusiasta e inteligente desta renovação e deste progresso, porque é o homem da Esperança.

Reflitamos um pouco sobre isto com a nossa Bênção Apostólica.

3. Pobreza da Igreja

Discurso de Paulo VI na Audiência Geral de 24 de junho de 1970

Diletos filhos e filhas,

O nosso estudo sobre o espírito do Concílio, este espírito que deve formar em nós uma nova e autêntica mentalidade cristã, exprimindo-se num renovado estilo de vida eclesial, leva-Nos facilmente ao tema da pobreza.

Já se falou muito deste assunto. A primeira pessoa que se referiu a ele foi o nosso predecessor João XXIII, na sua radiomensagem aos católicos de todo o mundo, um mês antes da abertura do Concílio, mencionando, naquela ocasião, os problemas que a Igreja encontrava diante de si, dentro e fora do seu campo, e afirmando que “a Igreja se apresenta como realmente é e como quer ser, ou seja, a Igreja de todos e, particularmente, a Igreja dos Pobres” (AAS 1962, 682). Essa expressão teve uma grande ressonância. Fazia eco a uma frase bíblica, vinda de longe, do profeta Isaías, que Jesus fez

sua, na sinagoga de Nazaré: "...porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres..." (Lc 4,18).

Todos nós conhecemos a importância que o Evangelho atribui à pobreza, a começar do sermão das bem-aventuranças, no qual os "Pobres de espírito" ocupam o primeiro lugar, não só nas palavras, mas também no Reino dos céus, para continuar nas páginas onde os humildes, os pequenos, os que sofrem e os necessitados são elogiados como sendo os cidadãos preferidos do mesmo Reino dos céus (cf. Mt 18,3) e como os representantes vivos do próprio Cristo (cf. Mt 25,40).

Além disso, o exemplo, principalmente o exemplo de Cristo, constitui a grande apologia da pobreza evangélica (cf. 2 Cor 8,9; S. Agostinho, Sermo 14, em PL 38,115). Sabemos tudo isto, mas é bom recordá-lo, precisamente em homenagem àquela autenticidade cristã que, segundo os desejos do Concílio, todos nós estamos a procurar, de acordo com a capacidade espiritual do nosso tempo

Princípio teológico e moral

Este tema é muito vasto, mas não pretendemos, de qualquer modo, explaná-lo. Apenas o recordamos, por causa da sua importância teológica. A pobreza evangélica implica realmente uma retificação das nossas relações religiosas com Deus e com Jesus Cristo, não só porque estas relações exigem a prioridade dos bens do espírito, na classificação dos valores, dignos de serem propostos à nossa investigação e ao nosso amor: "Procurai primeiro o seu reino..." (Mt 6,33), mas também porque desvalorizam — e aí está a pobreza —, na graduação de estima pelos bens temporais, a riqueza e a felicidade presente, quando são comparadas com o sumo Bem, que é Deus, e com a sua posse, que é a nossa felicidade eterna.

A humildade do espírito (cf. S. Agostinho, *Enarrationes in Psalmos*, 73, em PL 36,493), a temperança e, muitas vezes, também o desapêgo, tanto na posse como no uso dos bens econômicos, constituem os dois aspectos característicos da pobreza, que o divino Mestre nos ensinou com a sua doutrina e, mais ainda, como dissemos, com o seu exemplo: Ele revelou-se socialmente na pobreza.

Como facilmente se vê, este princípio teológico, em que se funda a pobreza cristã, torna-se um princípio moral que dá forma à ascética cristã. A pobreza que encontramos nos homens, mais do que um dado de fato, é o resultado voluntário de uma preferência de amor, de amor por Cristo e pelo seu reino, manifestada com a renúncia, que aliás é uma libertação, à cobiça da riqueza que não só

comporta uma série de preocupações temporais e de vínculos terrenos, mas também ocupa, com prepotência, grande parte do coração. Recordemos o episódio evangélico do jovem rico que, vendo-se na alternativa de seguir a Cristo ou de contiuar na posse de suas riquezas, prefere estas, enquanto o Senhor "...fitando nêle o olhar sentiu afeição por êle ..." (Mc 10,21) o viu com tristeza ir-se embora.

Mas o Concílio chamou-nos a atenção, não tanto para a virtude pessoal da pobreza, quanto para a procura e a prática de outra pobreza, a pobreza eclesial, a pobreza que deve ser vivida pela Igreja como tal, ou seja, como coletividade congregada no monte de Cristo.

Numa página do Concílio encontra-se uma frase importante a êste respeito. Entre muitas outras que existem nos documentos conciliares, sôbre a pobreza, vamos citá-la: "O espírito de pobreza e da caridade é, com efeito, a glória e o sinal da Igreja de Cristo) (GS 88).

Esta é uma frase luminosa e incisiva que nasce de uma consciência eclesial em pleno vigor, ávida de verdade e de autenticidade, e desejosa de se libertar dos costumes históricos que agora se possam mostrar pouco conformes com a sua índole evangélica, com a sua missão apostólica. É necessário que se faça um exame crítico, histórico e moral, para dar à Igreja o seu aspecto genuíno e moderno, onde a geração presente pretende reconhecer a imagem de Cristo.

Quem falou a êste respeito deteve-se particularmente ao considerar esta função da pobreza eclesial, ou seja, a de provar a verdadeira visibilidade da Igreja (cf. Congar, *Pour une Eglise servante et pauvre*, p. 107). Falou dêste modo especialmente o Cardeal Lercaro, no final da primeira sessão do Concílio (6 de dezembro de 1962), insistindo sôbre o "aspecto" que a Igreja hoje deve mostrar, especialmente aos homens do nosso tempo, e sob o qual se revelou o mistério de Cristo" o aspecto moral da pobreza e o aspecto sociológico da sua existência principalmente entre os pobres.

Experiências históricas

Todos nós vemos a força reformadora que deriva da afirmação dêste princípio: a Igreja deve ser pobre e, mais ainda, a Igreja deve mostrar-se pobre. Talvez nem todos possam compreender as possíveis justificações dos diversos aspectos, assumidos historicamente pela Igreja, durante a sua vida secular e no contacto com situações par-

ticulares da civilização; quando, por exemplo, o aspecto da Igreja era o de uma grande latifundiária, dedicada a educar novamente os povos para o trabalho agrícola; ou quando era o de um poder civil, na época em que se mostrava necessário exercê-lo com autoridade humana, uma vez que estava desfeito; ou também quando, para exprimir o seu caráter sagrado e a sua índole espiritual, ornou o seu culto com magníficos templos e vestes suntuosas; ou ainda quando, para exercer o seu ministério, assegurou o pão e o decôro dos seus ministros; ou, finalmente, quando, para dar impulso à instrução e à assistência do povo, fundou escolas e abriu hospitais, e para assimilar a cultura de determinados momentos históricos, falou soberbamente a linguagem da arte (cf. por exemplo, G. Kurth, *Les origines de la civilisation moderne*).

Subordinação dos meios econômicos aos fins espirituais

Para honra da economia de pobreza da Igreja, fàcilmente se poderia demonstrar que as fabulosas riquezas, que de vez em quando lhe são atribuídas pela opinião pública, são bem diferentes, não chegando muitas vêzes, para satisfazer as modernas e legítimas exigências da vida ordinária de tantos eclesiásticos, religiosos e também das instituições benéficas e pastorais. Mas não queremos agora fazer esta apologia.

Aceitamos os pedidos que os homens de hoje fazem, especialmente os que olham para a Igreja exteriormente, para que a Igreja se mostre como dever ser, não como um poder econômico, nem revestida das aparências do bem-estar, dedicada a especulações financeiras, ou insensível às necessidades das pessoas, das camadas sociais e das nações que estão na indigência. Mas também não queremos analisar agora êste imenso campo dos costumes eclesiais. Apenas o mencionamos para que saibais que o temos presente e já estamos a trabalhar nêle com a introdução de reformas graduais, mas audaciosas. Notamos, com vigilante atenção, que, num período como o nosso, absorvido inteiramente pela conquista, pela posse e pelo gôzo dos bens econômicos, se encontra na opinião pública, dentro e fora da Igreja, o desejo, e quase a necessidade, de ver a pobreza do Evangelho, principalmente onde o Evangelho é pregado e representado, e acrescentemos também, na Igreja oficial, na nossa própria Sé Apostólica.

Temos consciência desta exigência, interior e exterior, do nosso ministério. Com a graça do Senhor já se fêz muito para se obterem renúncias temporais e introduzir reformas nos costumes eclesiásti-

cos. E assim queremos continuar ainda, com o devido respeito pelas legítimas situações de fato, e com a esperança de sermos compreendido e ajudado pelo povo fiel, do nosso esforço por superar as situações que não estão em conformidade com o espírito e com o bem da verdadeira Igreja. A necessidade dos “meios” econômicos e materiais, com as conseqüências que comporta de os procurar, pedir e administrar, nunca deve exceder o conceito dos “fins” para que são destinados e dos quais devem sentir as limitações, a generosidade do emprêgo e a espiritualidade do significado.

E, seguindo a lição do divino Mestre, queremos recordar a todos que amem, simultaneamente, a pobreza e os pobres. A pobreza, para fazer dela uma austera norma de vida cristã; os pobres, para fazer deles objeto de particular interesse, quer se trate de pessoas, de classes, ou de nações necessitadas de amor e de ajuda. O Concílio também nos falou disto. Temos procurado e procuraremos continuar a ouvir sempre a sua voz. Mas a reflexão sôbre êste tema da Igreja dos Pobres deverá continuar a ser feita por Nós e por todos vós, com a graça do Senhor e com a nossa Bênção Apostólica.

4. Aspectos positivos de um período de prova

Discurso de Paulo VI, na audiência pública de 15 de julho de 1970

Nestas audiências gerais, temos falado muitas vezes sôbre o Concílio, sempre em termos simples, para nos adaptarmos à natureza dêstes breves e familiares encontros, mas compreendemos que muito, senão tudo, ficou para dizer.

Teremos ainda ocasião, se Deus quizer, de voltar a esta grande escola para haurir ensinamentos antigos e novos e, especialmente colhêr diretrizes para a obra do “aggiornamento” (segundo a célebre palavra do Nosso venerável predecessor, o Papa João XXIII, no seu discurso de abertura do Concílio Ecumênico), isto é, na obra de adaptação da vida e da exposição da doutrina da Igreja, salvaguardando sempre a integridade da sua essência e da sua fé, às exigências da sua missão apostólica, consoante os acontecimentos da história e as condições da humanidade, a que se dirige esta missão.

Mas, todos nós desejamos desviar o olhar do Concílio para o pós-Concílio, isto é, para os resultados que êle produziu (o II Concílio do Vaticano), para as conseqüências que dêle derivaram e para o acolhimento que a Igreja e o mundo deram aos acontecimentos e aos ensinamentos conciliares. O Concílio, como acontecimento his-

tórico, já é de ontem; o nosso espírito moderno leva-nos a olhar para o presente, ou melhor, para o futuro.

O pós-Concílio assume agora grande interesse. Que efeitos produziu o Concílio? Que efeitos pode e deve produzir? Todos estamos convencidos que os cinco anos decorridos, desde a conclusão do Concílio, não são suficientes para o avaliar, nem para dar um juízo exacto e definitivo sobre a sua importância e a sua eficácia.

Também estamos todos convencidos de não poder dizer que o Concílio terminou com o seu encerramento, como acontece com tantos acontecimentos que, com o passar do tempo, ficam sepultados, sendo apenas recordados pelos estudiosos das coisas mortas. O Concílio é um acontecimento que não só permanece na memória e na vida da Igreja, mas que também está destinado a perdurar dentro e fora da mesma, ainda por muito tempo.

Tensões e transformações

Este primeiro aspecto do pós-Concílio mereceria ser longamente considerado, pelo menos para determinar se a herança do Concílio é apenas uma permanência, ou se é também um processo em via de desenvolvimento, ou seja, para estabelecer quais são os ensinamentos que ele nos deixou, como estáveis e fixos, segundo o que acontecia nos antigos concílios, que se concluíram com definições dogmáticas, válidas ainda hoje, e para sempre, no patrimônio da fé; e os que apresentou, para serem seguidos e atuados com fecundidade contínua, os quais supomos, são, sobretudo, os do Concílio do Vaticano, qualificado, principalmente, como Concílio Pastoral, isto é, orientado para a ação. Este é um exame importante e difícil, que não pode ser realizado gradualmente, sem a assistência do magistério eclesialístico.

O segundo aspecto que hoje merece a atenção de todos é a situação atual da Igreja, comparada com a do período anterior ao II Concílio do Vaticano. E, como se pode dizer que a situação atual da Igreja é caracterizada por muitas agitações, tensões, novidades, transformações, discussões, etc., então, as opiniões dividem-se. Há quem recorde com saudade a suposta tranqüilidade de ontem, e quem se alegre, finalmente, com as mudanças em curso. Há quem fale de desintegração da Igreja e quem sonhe com o aparecimento de uma nova Igreja; quem pense que as novidades são muitas e precipitadas, chegando quase a subverter a tradição e a identidade da Igreja autêntica; e quem, pelo contrário, afirme que a aplicação das reformas, já realizadas ou iniciadas, é lenta, tardia e, talvez, rea-

cionária; quem pretenderia reconstruir a Igreja, segundo a sua forma primitiva, conquistando a legitimidade do seu lógico desenvolvimento histórico; e quem por outro lado, quieria impelir êste desenvolvimento para as formas profanas da vida de hoje, ao ponto de dessacralizar e secularizar a Igreja, desagregando as suas estruturas em vantagem de uma simples, gratuita e inconsistente vitalidade carismática; e assim por diante.

A hora presente é uma hora de tempestade e de transição. Em muitos setores, o Concílio não nos deu, até agora, a tranquillidade desejada, mas suscitou perturbações e problemas que, certamente, não são inúteis para o incremento do Reino de Deus na Igreja e em cada alma. Mas deve-se recordar: êste é um período de prova. Quem é forte na fé e na caridade pode tirar frutos desta prova (Cfr. II^a-II^{ae}, 123,8).

É preciso vigiar

Não dizemos mais nada. As revistas e as livrarias estão cheias de publicações sobre a fecunda e crítica fase da Igreja no período histórico pós-Conciliar. É preciso vigiar. O Espírito da ciência e da sabedoria, hoje, deve ser invocado com particular fervor.

Novos fermentos movem-se à nossa volta; são benéficos ou nocivos. Tentações novas e deveres novos deparam-se na nossa frente. Repetimos as exortações de São Paulo: 'Andai sempre alegres, orai sem cessar, e em tôdas as circunstâncias, dai graças, pois é a vontade de Deus em Jesus Cristo, a vosso respeito. Não extingais o espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que fôr bom. Conservai-vos longe de toda a espécie de mal' (1 Tes. 5, 16-22).

Estudar o II Concílio do Vaticano

Acrescentaremos simplesmente a exortação a uma tríplice fidelidade. Fidelidade ao Concílio: procuremos conhecê-lo melhor, estudá-lo, explorá-lo e aprofundar os seus magníficos e valiosíssimos ensinamentos. Talvez a sua abundância, a sua dimensão e a sua autoridade tenham desencorajado muitas pessoas à leitura e à meditação de uma doutrina tão elevada e arrebatadora.

Muitos que falam do Concílio não conhecem os seus maravilhosos e valiosos documentos. Aquêles, a quem mais interessam a con-

testação e as inovações precipitadas e subversivas, ousam insinuar que o Concílio já foi superado; serve, pensam eles, somente para demolir e não para construir.

Mas, quem quiser ver no Concílio a ação do Espírito Santo e dos órgãos responsáveis da Igreja (lembremos a qualificação teológica do I Concílio, o de Jerusalém: “Visum est... Spiritui Sancto et nobis”, o Espírito Santo e nós próprios resolvemos..., At 15, 28), pegará com assiduidade e reverência nos documentos do recente Concílio, e procurará fazer deles alimento e norma para a própria alma e para a própria comunidade.

Fidelidade à Igreja: é preciso compreendê-la, amá-la, servi-la e promovê-la, não só porque é sinal e meio de salvação, mas também porque é objeto do amor imolado de Cristo: Ele “dilexit Ecclesiam et se ipsum tradidit pro ea”, amou a Igreja e por ela se entregou: Ef 5, 25). E também porque nós somos a Igreja, aquele Corpo Místico de Cristo, no qual estamos vitalmente inseridos, e no qual encontraremos a nossa felicidade eterna.

Esta fidelidade à Igreja, bem o sabeis, hoje é traída por muitas pessoas, discutida, interpretada subjetivamente e minimizada; ou seja, não é compreendida no seu profundo e autêntico significado, nem professada com o respeito e a generosidade que mereceria, não para a nossa mortificação, mas para a nossa experiência e a nossa honra.

E, finalmente, fidelidade a Cristo: resume-se tudo nela. Nós repetiremos apenas as palavras de Simão Pedro, do qual somos humilde, mas verdadeiro sucessor, sobre cujo túmulo agora nos encontramos: “...para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6, 69).

Fidelidade a Cristo; deve ser este, irmãos e filhos caríssimos, o pós-Concílio. Damo-vos a Nossa Bênção Apostólica.

5. As tentações do ateísmo moderno

Discurso de Paulo, VI, na audiência pública de 5 de Agosto de 1970

Diletos filhos e filhas:

As tentações do homem moderno, em relação a Deus e à religião, são muitas e graves. Como Nos é habitual, nestes breves momentos de audiência geral, vamos falar sumariamente deste tema, não ape-

nas para responder doutrinalmente às mencionadas tentações, mas também para as conhecerdes mesmo neste lugar, e poderdes defender-vos dela convenientemente, estudando, refletindo, purificando a vossa mentalidade religiosa, se fôr necessário, e fortificando com a oração e com a boa vontade a fé ameaçada: “ut possitis sustinere”, a fim de saberdes resistir (1 Cor 10,13).

Entre estas tentações, uma das mais terríveis é a que afirma: Deus e a religião são conceitos superados, que pertencem a outros tempos, pois o nosso tempo já se tornou adulto. O pensamento progrediu de tal modo que exclui qualquer afirmação que transcenda a racionalidade científica. Deus é transcendente; portanto, diz-se, está fora da esfera dos interesses do homem do nosso tempo; pertence ao passado, não ao presente, e muito menos ao futuro. O movimento da civilização encaminha-se para uma secularização crescente e total. Por outras palavras, encaminha-se para a autonomia dos valores temporais e para a libertação da sua relação religiosa até agora afirmada.

Certamente, ouvistes falar desta tendência que distingue, sobretudo, as realidades terrenas da sua relação superior e final com o mundo religioso. Trata-se de uma tendência legítima (Cfr. Gaudium et Spes, 36). Mas, depois, chega a encerrar no âmbito destas realidades terrenas todo o saber e todo o interesse do homem, secularizando, laicizando e dessacralizando qualquer forma de vida moderna. Nesse campo a religião deixaria de ter um lugar e razão de existir, a não ser que fôsse interpretada em sentido puramente humanista, proclamando que o homem é para o homem o ser supremo (Cfr. Marx, Nietzsche, etc.).

O progresso e a história

Como vêdes, em relação à nossa fé, a objeção é subversiva. Nestes últimos anos, tornou-se muito forte e difundiu-se de tal modo que chegou a penetrar até no campo teológico, mesmo católico, embora tendo algumas intenções que nem sempre são eversivas.

Qual é a sua força motriz? Parece que se deve identificar com o movimento, com a evolução e com as transformações das idéias, fato este que resulta do progresso e das mudanças da vida moderna em confronto com a dos tempos passados. A este fluxo de acontecimentos e de costumes, quando se refere à vida do homem, costumamos dar-lhe o nome de História.

A História seria então a causa fatal da dissolução da idéia religiosa. O sentido dêste processo das coisas e dos homens no tempo leva-nos à tentação de considerar a religião antiquada, insuportável nos nossos dias, supérstite abusiva, e o próprio nome de Deus mítico, isto é, imaginário e irreal. O homem religioso seria um reacionário, um ingênuo que passou de moda, um ser infeliz, que ainda não se emancipou dos grilhões de uma mentalidade superada.

É supérfluo recordar-vos o poder sugestivo que esta tentação tem nos nossos dias. Os fatos afirmam-no e os livros documentam-no. São principalmente os jovens as vítimas do fascínio que esta forma de ateísmo exerce, com o aspecto de atualidade que a reveste, o desabuso que autoriza e fomenta, e a evidência elementar que a parece confirmar.

Este gênero de ateísmo é apresentado como sinal de progresso intelectual, causa e efeito do progresso científico, técnico, social e cultural. A história, ou seja, a evolução, é o segredo desta metamorfose do mundo moderno. Poder-se-iam fazer dissertações ilimitadas sobre o ateísmo, especialmente no campo especulativo. Existe na literatura católica uma produção abundante de obras de estudo e de divulgação sobre o ateísmo, que fariamos bem em conhecer e apreciar. Mas, agora, limitamo-Nos a considerar o aspecto tentador da negação de Deus e das nossas relações com Ele, filho daquilo a que chamam “nosso tempo”.

O critério da atualidade

Gostaríamos de vos convidar a examinar esta expressão. Se fôsse suficiente para vos dar uma certeza, especialmente numa questão de tanta importância, ela prejudicaria a vossa itneligência. O máximo que poderia fazer seria fundar uma presunção de verdade, a da opinião pública ou a das correntes filosóficas de pensamento, que se supõem válidas. Mas, só por si, a atualidade de uma doutrina não é suficiente para lhe dar o título de credibilidade. Quem se deixa arrastar pela moda em questões de pensamento e pela opinião da massa, muitas vezes não compreende que assumiu uma atitude servil. Exalta-se com as palavras, com as idéias alheias, com as opiniões cômodas, com a renúncia ao seu esforço mental, com o prazer de se ter libertado da mentalidade do próprio ambiente, que, muitas vezes, não está destituído de sabedoria e de experiência, e de se deixar arrastar pelas idéias triunfantes: julga-se livre. E não nota outra fraqueza: que as idéias que triunfam no tempo, podem

mudar com o tempo e, de fato, mudam. Expõe-se, portanto, aos desmentidos e às decepções de amanhã. Talvez, então, ria de si mesmo ou, quem sabe, talvez se arrependa não só de ter deposto o timão da própria personalidade nas mãos e nos cérebros dos outros, Mas também de ser um homem falido e de ter caminhado nas trevas.

As pessoas inteligentes, os jovens e os trabalhadores, façam uma reflexão a este propósito. Todos nós devemos refletir, sobretudo hoje, quando a idéia de progresso e de auto-suficiência humana atravessa uma crise terrível e encontra, até nos seus mais fiéis seguidores, os mais orgulhosos e mais desesperados contestadores.

A fé e a dignidade humana

Mesmo que os motivos da repugnância pelo Deus da fé fôsem outros, também devemos refletir: a análise séria e paciente, destes motivos acabará por nos mostrar a sua falácia; e com a ajuda, que não pode faltar, daquele Deus que pomos em causa (diz Santo Irineu: “sem Deus não podemos conhecer Deus” *Adversus Haereses*, IV, 5, 1), chegaremos à conclusão de que Ele não é o fantasma que o homem ignorante e emotivo forjou: de que, como diz o Concílio numa página admirável “o reconhecimento de Deus não se opõe de qualquer forma à dignidade humana” e exatamente em conformidade com a tensão do homem moderno, em procurar, no tempo futuro, a plenitude da vida, “a esperança escatológica não diminui a importância das tarefas terrestres, antes fortalece a sua realização com motivos novos” (*Gaudium et Spes*, 21).

Vamos ler esta passagem de um trabalho do Padre De Lubac: “Rejeita-se Deus como se Ele limitasse o homem e não se vê que o homem tem dentro de si “algo de infinito” por causa da relação com Deus. Rejeita-se Deus como se Ele subjugasse o homem e não se vê que o homem se liberta de qualquer escravidão, especialmente da escravidão da História e da Sociedade, por causa da relação com Deus...” (*Sur les chemins de Dieu*, p. 268).

Deus não está superado. E, muito menos, está superada a idéia que temos de Deus, na plenitude do seu ser, na maravilha da sua revelação. É preciso apenas regenerá-la nas nossas almas, que a deformaram, diminuíram, expulsaram e esqueceram. É preciso regenerá-la na investigação, na fé cristã e na caridade ambivalente para com Ele e para com os irmãos, para descobrir a atualidade por excelência, a luz do tempo e a promessa da eternidade. O seu nome é

“Sempre”. E podemos dizer ainda com o cantor bíblico: “Bendirei o Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios” (Sl 33,2). Damo-vos a Nossa Bênção Apostólica.

6. Atualização religiosa e fidelidade à tradição

Discurso de Paulo VI, na audiência pública de 12 de agosto de 1970

Diletos filhos e filhas:

Que havemos de dizer da religião? A religião deve ser renovada. Esta é a convicção de todos os que, ainda hoje, se ocupam da religião, quer estejam fora da sua expressão concreta: uma fé, uma observância e uma comunidade, quer professem uma religião ou, pelo menos, tomem parte numa discussão religiosa. Tudo está em ver o que se compreende por renovação.

É preciso renovar a própria consciência religiosa. Trata-se mais de uma questão do que de objeção. Mas é uma questão polimorfa, polivalente, uma questão que se apresenta sob aspectos muito diversos, com princípios, métodos de estudo, conclusões diferentes e, muitas vezes, discordantes. A renovação religiosa pode ser concebida, ou como um contínuo processo de aperfeiçoamento, ou como um processo rápido de dissolução, ou, também, como uma tentativa de interpretação nova, segundo determinados critérios.

O tema é atual. Todos recebemos a prestigiosa palavra “aggiornamento”, como um programa, o programa do Concílio e do pós-Concílio, um programa pessoal e comunitário. Isto é sinal evidente de que, exatamente no próprio coração da ortodoxia, devem agir, como um fermento vital (Cfr. Mt. 13, 33), o impulso da vida nova, o sopro animador da consciência, a tensão moral e a expressão de atualidade, sempre original como o amor.

A religião é vida e, como a nossa vida biológica, deve estar, subjectivamente, em contínua renovação, em contínua purificação, em contínuo crescimento. É o que nos recorda toda a disciplina do espírito. São Paulo não deixa de repetir que o homem “...interior renova-se diariamente” (2 Cor 4,16); aprendestes com Cristo “a despojar-vos do homem velho, no que diz respeito ao vosso passado, do homem corrompido pelas paixões enganadoras; a renovar espiritualmente a vossa inteligência e a revestir-vos do homem novo...” (Ef 4, 22-24); “mas, praticando a verdade, cresceremos em todas as coisas pela caridade naquele que é a Cabeça,

o Cristo" (Ib. 4, 15), sempre "...crescendo no conhecimento de Deus" (Col 1,10).

Renovação interior

Esta incessante exortação indica muitas realidades que nos oferecem a visão genuína do fato religioso. Indica que este fato nasce lentamente e que se deve desenvolver [recordais as parábolas da semente? (Cfr Lc 8, 5-15)]. Indica que este fato está sujeito à decadência e à corrupção [recordais a polêmica de Cristo com os fariseus? (Cfr. Mt 23,14 ss.)]. Indica que, muitas vezes, tem necessidade de reforma, mas que tem sempre necessidade de aperfeiçoamento e que só na vida futura alcançará a sua plenitude.

Tudo isto é conhecido pelos discípulos da Palavra divina, da escola da liturgia e da vida eclesial. Por isso, de muito bom grado admitimos o "aggiornamento", procuramos interpretar o seu significado e aceitamos as suas conseqüências renovadoras, primeiramente no interior das almas (cfr Ef. 4, 23)) e depois, se fôr necessário, nas leis exteriores.

Mas, esta renovação não está livre de riscos. Pelo contrário, comporta perigos. O primeiro perigo é o da mudança, quando é desejada por si mesma, ou para acompanhar o transformismo do mundo moderno. É o perigo da mudança com a tradição irrenunciável da Igreja. A Igreja é a continuidade de Cristo no tempo. Não podemos separar-nos dela do mesmo modo que um ramo, para produzir novas flôres na primavera, não pode separar-se da planta, flôres da raiz de onde tira a sua vitalidade.

Este é um dos pontos capitais da história contemporânea do cristianismo. É um ponto decisivo: ou a adesão fiel e fecunda à tradição autêntica e autorizada da Igreja, ou a mortal separação dela. O contato normal com Cristo não se pode verificar em quem se quer aproximar dEle pelos caminhos que determinou, com a criação de uma lacuna doutrinal e histórica, entre a Igreja presente e o anúncio primitivo do Evangelho. "O vento sopra de onde quer..." (Jo 3,8) disse o Senhor. Mas, o próprio Senhor instituiu, para o seu Espírito, um veículo condutor: "... Recebei o Espírito Santo — disse Ele aos seus discípulos depois da ressurreição — àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 22-23). Cristo é a única fonte, a única "videira autêntica". Mas, a sua linfa chega até nós através dos sarmentos vivos que germinaram dela (Cfr. Jo 15,1 ss.; Lc 10,16).

Fidelidade à Tradição

A Igreja não é um diafragma divisório, que interpõe uma distância, nem um impedimento dogmático e legal entre Cristo e o seu discípulo do século XX. É o canal, o trâmite, o desenvolvimento normal que une. É a garantia da autenticidade, da proximidade da presença de Cristo entre nós. "... Eu estarei sempre convosco — disse Cristo ao despedir-se dos Onze, abrindo diante deles a sucessão dos tempos — até ao fim do mundo" (Mt 28,20).

Não se pode idealizar um cristianismo nôvo para renovar o antigo. É necessário ser-lhe fiel tenazmente. E esta estabilidade no ser, com a sua continuidade no movimento e no desenvolvimento, esta coerência existencial, própria de todos os seres vivos, não se pode qualificar reacionária, obscurantista, arcaica, decrépita, burguesa, clerical, ou com outro epíteto depreciativo, com que, infelizmente, alguns livros modernos a definem, por causa da fobia que sentem por tudo o que é do passado, ou pela desconfiança de tudo o que o magistério da Igreja apresenta como objeto de fé! A verdade é assim, não morre. A Realidade divina, que está encerrada nela, não pode ser modelada segundo o gosto de cada um; é aqui que está o mistério. Quem tem a felicidade de o compreender, por meio da fé e da caridade, tem um prazer incalculável; possui, por assim dizer, uma certa experiência inefável da efusão do Espírito Santo.

Haverá quem diga: mas, então, não há nada para renovar, o imobilismo torna-se lei. Não, a verdade permanece, mas é exigente. É preciso conhecê-la e estudá-la; é preciso purificá-la nas suas expressões humanas. E tudo isto comporta uma grande renovação. A verdade permanece, mas é fecunda. Nunca ninguém pode dizer que a compreendeu inteiramente e a definiu com determinadas fórmulas, embora intangíveis no seu significado. A verdade pode apresentar aspectos que ainda podem ser objeto de investigação. Ilumina campos diversos que podem contribuir para o progresso da nossa doutrina. A verdade permanece, mas tem necessidade de ser divulgada, traduzida e formulada adequadamente, segundo a capacidade de compreensão dos seus discípulos, que são homens de todas as idades, de cultura diversa e de civilização diferente. A religião, portanto, admite aperfeiçoamento, incremento e aprofundamento; é uma ciência que está sempre vigilante no sublime esforço de ser compreendida e formulada melhor.

Trata-se, então, de pluralismo? Sim, trata-se de um pluralismo que leve em consideração as recomendações do Concílio (Cfr. Op-

tatam Totius, 16; Gravissimum Educationis, 7 e 10) e que se refira aos modos com que as verdades da fé são enunciadas, e não ao seu conteúdo, como afirmou, com tanto vigor e tanta clareza, o Nosso venerado predecessor João XXIII, na célebre alocução de abertura do Concílio (Cfr. A.A.S., 1962, 790; 792), referindo-se tácita, mas claramente, à clássica fórmula do "Commonitorium" de São Vicente de Lerins († 450); as verdades da fé podem ser expressas de modo diverso, desde que conservem "o mesmo significado" (Cfr. D. S. 2802).

O pluralismo, porém, não deve provocar dúvidas, equívocos ou contradições. Não deve legitimar um subjetivismo de opiniões em matéria dogmática, que comprometeria a identidade e, portanto, a unidade da fé. Progredir, enriquecer a cultura e favorecer a investigação, sim. Demolir, não.

Adesão ao Magistério

Deveríamos dizer muito mais sobre o tema da renovação religiosa; sobre o progresso da teologia, por exemplo, sobre as relações que existem entre a doutrina religiosa e o ambiente, quer histórico, quer cultural (assunto hoje em voga e muito delicado), sobre os ensinamentos morais da Igreja e os costumes mutáveis dos homens, e assim por diante. Mas é suficiente a alusão que acabamos de fazer a este grande tema da renovação religiosa, para que também ele seja objeto de algumas das vossas animadoras reflexões e faça com que apreciéis o esforço que a Igreja está a envidar nestes anos, com provada fidelidade e bondade pastoral, a fim de defender ciosamente a fé, a apresentar com amor e, também, para não faltar a vossa adesão e o vosso reconhecimento aos mestres da fé: Bispos, Teólogos e Catequistas. Para tanto, damo-vos a Nossa Bênção Apostólica.

VIII. NECROLOGIA

P. Virgilio Agnoletto

★ em Montebelluna (Treviso — Itália) 17-11-1907, † em Conegliano (Treviso — Itália) 29-3-1970 com 62 anos, 39 de profissão e 31 de sacerdócio.

Esteve 20 anos no Brasil, de onde voltou por motivos de saúde. Caráter meigo e dócil, despendeu tôdas as energias em variadas atividades que lhe foram confiadas no Brasil. Nas casas de Mogliano Vêneto e Gorizia, onde passou períodos de descanso, foi para todos modêlo de amabilidade e guia espiritual seguro no ministério das Confissões.

P. José Arienti

★ em Seregno (Milão — Itália) 10-7-1907, † em Bagnolo (Itália) 10-4-1970 com 62 anos, 38 de profissão e 31 de sacerdócio.

Completo sua formação religiosa e sacerdotal na Argentina, onde por vários anos se entregou ao apostolado paroquial, na Inspetoria de Bahia Blanca, prodigalizando os tesouros do seu coração e de intenso amor às almas. Adoecendo gravemente, tornou à Itália. Foi capelão cheio de zelo das Filhas de Maria Auxiliadora, doentes, em Róppolo, onde é lembrado com reconhecimento e veneração.

Clgo. Restituto Arnang

★ em Olmillo (Segóvia — Espanha) 5-10-1943, † em Madrid (Espanha) 24-5-1970, com 26 anos e 6 de profissão.

Bom espírito religioso, cheio de amor à Congregação, manifestou até o fim o vivo desejo de se preparar com fervor e dedicação ao Sacerdócio. Nosso Senhor preferiu o sacrifício dessa vida, depois de breve e violenta doença, quando terminava o tirocínio.

Coad. Pedro Assis

★ em Dôres do Campo (Minas Gerais — Brasil) 18-5-1905, † em Campo Grande (Mato Grosso — Brasil) 17-4-1970, com 64 anos de idade e 37 de profissão.

Irmão humilde, simples e bom. Passou os últimos 20 anos no Mato Grosso, a serviço do altar, como sacristão, antes na Cathedral

de Cuiabá e ultimamente na Paróquia do Colégio de Dom Bosco, em Campo Grande.

O que o caracterizou foi oração constante, trabalho assíduo e silencioso.

Coad. Filipe Avezza

★ em Mango (Cúneo — Itália) 25-5-1886, † em Canelli (Asti — Itália) 27-5-1970, com 84 anos de idade e 61 de profissão.

Alma simples e reta, viveu como bom filho de Dom Bosco, atendendo ao trabalho da padaria e da horta. Os irmãos recordam-no com saudades. Era tipicamente homem do campo a atender continuamente a pequenos e humildes trabalhos que êle mesmo procurava. Muitas vezes se achava na Capela do Instituto, recolhido, em íntimo colóquio com Deus: a oração era de fato a sua primeira ocupação.

P. Ricardo Azzolini

★ em Roana (Vicenza — Itália) 19-10-1899, † em Roana 30-7-1970, com 70 anos, 45 de profissão e 36 de sacerdócio.

Vocação adulta, viveu o seu sacerdócio numa total dedicação às almas. Foi confidente de inúmeras almas, que confortou e guiou no caminho do bem. Devotíssimo de Nossa Senhora Auxiliadora e da Eucaristia, amava com verdadeira predileção a Congregação, pela qual rezava e sofria.

Morreu improvisamente, enquanto passava um período de convalescença em sua terra natal. Certamente Nosso Senhor o encontrou, qual sempre foi, vigilante, pronto como o servo bom e fiel.

P. José Bertola

★ em Sebastiano Po (Turim — Itália) 1-5-1884, † em Santiago (Chile) 9-4-1970, com 85 anos, 67 de profissão, 59 de sacerdócio, 18 como diretor e 33 como inspetor.

Partiu logo depois de ordenado para a Colômbia, prodigalizou os dotes da rica personalidade que lhe era própria nas casas de formação, consolidando as obras salesianas naquela República. Nomeado Inspetor, levou a Inspetoria a extraordinário nível, expandindo e consolidando as nossas obras.

Durante a segunda guerra mundial, o Sr. P. Ricaldone quis fôsse seu representante nas Inspetorias ao Norte da América Latina. Ao depois foi transferido para o Chile, onde governou a Inspetoria por dez anos. Com a coragem dos mais belos anos, soube infundir o entusiasmo que o animava em todos os trabalhos, particularmente na organização das associações juvenis, na formação do pessoal salesiano e no cuidado dos ex-alunos.

A figura do insigne filho de Dom Bosco merece a honra de uma biografia, que abraça um período de mais de meio século da história salesiana nas Repúblicas para as quais se dedicou de corpo e alma.

P. Kevin Byrne

★ em Dublin (Irlanda) 24-12-1920, † Teerã (Irã) 17-4-1969 com, 48 anos, 29 de profissão e 22 de sacerdócio.

Estupenda figura de salesiano, cheio de autêntico espírito sacerdotal, o P. Byrne foi daquelas almas que vivem coerentemente a própria vocação.

Transferido clérigo ainda à Inspetoria do Oriente Médio, desenvolveu sua atividade sacerdotal principalmente no Irã. Tinha da sua Irlanda uma religiosidade convicta e profunda, alegre e serena e, como salesiano, mostrou-se sempre de caráter meigo, cheio de bondade e amabilidade para com todos. No desempenho dos deveres era sacrificado até à mais completa disponibilidade do que tinha e era: aulas, recreios, ministério das Confissões, e pregação.

Coad. Batista Cavagna

★ em S. Pelegrino (Bérgamo — Itália) 13-9-1913, † Buenos Aires (Argentina) 13-6-1970 com 56 anos de idade e 30 de profissão.

Passou a vida salesiana em Escolas Agrícolas, santificando o trabalho, constante e sacrificado, com profundo espírito de piedade.

P. Luís Colli

★ em Gerenzano (Milão — Itália) 28-8-1896, † Lanzo Torinese (Itália) 29-6-1970 com 73 anos, 47 de profissão e 44 de sacerdócio.

Alma sensível, vasta cultura, viveu os seus dias cheios de operosidade. Sua presença, por 30 anos, no Colégio salesiano de Lanzo,

deu-lhe possibilidade de se prodigalizar como professor, pregador, apreciado diretor espiritual, segundo o espírito de Dom Bosco. Tão generosa atividade o pôs em contato com inúmeras pessoas que se lhe ligaram com laços de profundo reconhecimento pelo bem que dêle receberam.

P. João Colombo

★ em Milão (Itália) 18-5-1899, † L'Aquila (Itália) 10-4-1970, com 70 anos, 44 de profissão e 28 de sacerdócio.

Era operário, quando entrou na Congregação. Durante 30 anos trabalhou no Brasil: vários anos como coadjutor, mas chegou a ordenar-se em 1941. Com a saúde abalada, em 1960, voltou das Missões, mas continuou a valorizar o seu sacerdócio, como confessor muito procurado pelos jovens.

Coad. Bassiano Cominetti

★ em S. Stefano (Milão — Itália) 16-3-1884, † em Muzzano (Vercelli — Itália) 26-2-1970 com quase 86 anos, e 58 de profissão.

Eis aqui uma apreciação feita pelos seus Superiores nos primeiros anos de vida religiosa: “Verdadeiramente um coração simples, todo dado ao trabalho e à piedade”. E assim foi também durante toda a vida, que passou quase sempre entre a cozinha e a horta. Constante e dedicado ao trabalho, para deixar satisfeitos os irmãos e meninos, com a pontualidade e o desempenho exemplar do seu mister. E esse trabalho caseiro era todo êle perpassado de oração, vivido no silêncio e feito com sorriso constante: irradiação espontânea e natural que eram, da candura e simplicidade do seu coração.

P. Júlio Costa

★ em Ímola (Itália) 11-11-1901, † em Mendal (Garó Hills — Assão — Índia) 16-4-1970 com, 68 anos, 43 de profissão, 39 de sacerdócio e 3 como Diretor.

Depois de 45 anos de trabalhos no Assão, o P. Costa foi barbaramente trucidado (ignoramos os motivos).

O P. Costa gostava de antropologia e etnologia. Com inteligência e amor estudo as tradições das tribos Khasi, Garó, Mikhir, e escreveu sobre o assunto apreciadas monografias. Ocupou-se de obras sociais, prodigalizando-lhes preciosas energias.

Últimamente foi-lhe confiada a organização dos refugiados da tribo Garo (Paquistão). Estava completando o grande "Projeto Turim" para a reabilitação social da tribo. Sòmente a paciência, tenacidade, caridade operosa do P. Costa é que podiam superar os enormes obstáculos que se erguiam contra a atividade benfazeja.

P. Renato Delafosse

★ em Bazouges-la-Pérouse (Ille-et-Vilaine — França) 21-11-1902, † Ressins (Loire — França) 19-6-1970 com 67 anos, 35 de profissão, 28 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Entrou na Congregação com 30 anos de idade, depois de haver ocupado cargos de responsabilidade na Ação Católica. Engenheiro agrônomo, por 18 anos, em nosso Liceu Agrícola de Ressins, dedicou-se à instrução e formação moral dos alunos. A presença do Bispo Auxiliar de St. Etienne, de muitos sacerdotes, ex-alunos e amigos em seus funerais demonstra a estima e eficácia de seu trabalho de educador.

P. José Della Maestra

★ em Basagliapenta (Ūdine — Itália) 4-8-1907, † em Verona (Itália) 8-4-1970 com 62 anos, 45 de profissão e 37 de sacerdócio.

Era um dos salesianos mais conhecidos e estimados de Verona. A antecedência e sensibilidade atenta que o caracterizavam, com relação às mudanças sociais, levaram-no a modificar a tradicional organização escolar do Instituto "Dom Bosco", equiparando antes o curso técnico comercial, depois o liceu científico. O P. Della Maestra era também, com seu ar alegre, a personificação do otimismo baseado na fé em Deus e confiança nos homens. Seus alunos e ex-alunos hão de recordar sempre com amor sua imagem paternal e querida.

Coad. Joaquim Devalle

★ em Belvedere Langhe (Cúneo — Itália) 10-1-1887, † Bagnolo (Itália) 10-4-1970 com 81 anos de idade e 45 de profissão.

Depois dos primeiros trabalhos nas missões pròpriamente ditas, foi enviado para Manaus como provedor e despachante das mercadorias destinadas às missões do Rio Negro.

Correspondeu fielmente à confiança que nêle depositara o saudoso Dom Pedro Massa. No seu delicado trabalho exerceu verda-

deiro apostolado, que alimentou com fervoroso espírito religioso, haurido nas devoções a Nossa Senhora Auxiliadora e a Dom Bosco.

P. Calógero di Giorgi

★ em Ribera (Girgenti — Itália) 18-2-1885, † Santiago (Chile) 1-5-1969, com 84 anos, 58 de profissão e 49 de sacerdócio.

P. Félix Domingues Marrero

★ em Maiquetia (Caracas — Venezuela) 21-2-1891, † Caracas 31-7-1970 com 79 anos, 28 de profissão e 54 de sacerdócio.

Depois de ter trabalhado como pároco e exercido importantes cargos na Cúria Metropolitana de Caracas, entrou na Congregação Salesiana, dedicando-se principalmente ao apostolado nas missões.

Virtudes características: obediência exemplar ao seu bispo antes, e depois aos seus superiores religiosos; profunda humildade, preferindo sempre o trabalho mais pesado e escondido; zelo missionário, despendendo 20 anos de vida em trabalhos entre os não-crentes.

Clgo. André Fabianowicz

★ em Gaworzec Dolny (Varsóvia — Polónia) 12-7-1947, † em Czerwinsk (Polónia) 9-7-1970 com 23 anos de idade e 6 de profissão.

Morreu afogado num rio, tentando salvar um menino. Muito afeiçoado à Congregação, deixou querida lembrança da profunda piedade e do zelo no trabalho, que o animavam. Dava ótimas esperanças. O senso de responsabilidade e a caridade tornaram-no pronto para sacrificar sua própria vida em plena juventude.

P. João Fissore

★ em Bra (Cúneo — Itália) 12-1-1922, † Turim (Itália) 19-4-1970 com 48 anos, 31 de profissão e 22 de sacerdócio.

Entregue sem reservas ao ensino, a que dedicou toda a vida com coração de apóstolo, soube transmitir, juntamente com o sentimento da beleza e da verdade, o sentido de Deus. A exemplo de Dom Bosco, amou os meninos e era por eles amado.

Irmãos, parentes e ex-alunos recordam a sua bondade simples, serenidade constante, compreensão humana. Deixa saudosa lembrança de si.

P. Jorge Fuchs

★ em Obersaasheim (Haut-Rhin — França) 26-3-1882, † Landser (Haut-Rhin — França) 5-4-1970 com 88 anos, 66 de profissão e 57 de sacerdócio.

Fêz o noviciado em Avigliana, onde recebeu o hábito talar das mãos do P. Miguel Rua. Partiu logo em seguida para a Argentina, onde completou sua formação até chegar ao sacerdócio. Voltando à Europa por causa da guerra, trabalhou antes em paróquias e ao depois em várias casas de França e África do Norte. Falava muito bem o alemão, o espanhol, o italiano e o português. Foi sacerdote zeloso, simpático irmão e de grande laboriosidade.

P. Jorge Galeone

★ em Cisternino (Bari — Itália) 20-4-1890, † Corigliano (Lecce — Itália) 9-8-1970 com 80 anos, 56 de profissão e 46 de sacerdócio.

Simples, sereno, conquistava a amizade de quantos se aproximavam dele, pela prontidão com que lhes participava das dores e alegrias.

Tinha a atividade limitada por motivo de saúde, mas não se poupava no ministério das Confissões. Sua característica foi o zelo incansável com que se devotou ao bem das almas.

P. Eugênio Giovannini

★ em Rizzolaga (Trento — Itália) 7-8-1911, † Verona (Itália) 12-3-1970 com 58 anos, 38 de profissão e 29 de sacerdócio.

Educador exemplar, alma meiga e boa, jovial, sereno, humilde e ativo, granjeou amigos em todos os meios. A sua atividade mais especificada foi dirigida a milhares de ex-alunos, que soube reunir e organizar às maravilhas. Dom Carraro, bispo de Verona, o define: “Distinta, cara, apreciada figura de educador, que Verona lembrará com perene gratidão”.

Coad. Manoel Gómez Fuentes

★ em Alameda (Málaga — Espanha) 11-1-1898, † Sevilha (Espanha) 2-9-1969 com 71 anos de idade e 49 de profissão.

Salesiano de obediência heróica, foi um cozinheiro improvisado e com o tempo conseguiu êxito notável. Foi à Austrália como mis-

sionário, ao passo que desejara e pedira ir para a América Latina. Voltou à pátria poucos anos depois por motivo de saúde.

Trabalhou nos encargos mais humildes, sempre com alegre simplicidade. Foi encontrado morto na cama, na atitude de um santo, que aguarda a morte com o sorriso nos lábios. Era a imagem do servo bom e fiel, que Nosso Senhor encontrou com a lâmpada acesa.

P. Diogo Grammatica

★ em Caltagirone (Itália) 10-12-1885, † Bahia Blanca (Argentina) 6-4-1970 com 84 anos, 57 de profissão, 61 de sacerdócio e um como Diretor.

Emigrante ainda criança, entrou bem cedo na Congregação Salesiana, que desenvolvia sua ação missionária na Patagônia. Iniciou assim sua vida de apostolado em prol das almas com grande espírito de trabalho humilde e de diligente zelo sacerdotal. Dedicou os últimos anos da vida à difusão da boa imprensa e testemunhando a caridade cristã em meio às famílias da Paróquia São João Bosco, de Bahia Blanca.

Coad. Raimundo Guerillot

★ em Poligny (Jura — França) 11-5-1905, † Marselha (França) 24-4-1970 com 64 anos de idade e 42 de profissão.

Irmão muito serviçal e muito afeiçoado à Congregação. Depois de ter lecionado durante muitos anos, nos últimos passou a ajudar o ecônomo em diversas casas, entre as quais o estudantado teológico de Fontanières. Era muito estimado pelos alunos e irmãos por causa da sua bondade. Trabalhador incansável; não poupava sacrifícios e sempre pronto para qualquer serviço.

P. João Batista Guglielmetto

★ em Bruzolo (Turim — Itália) 20-11-1893, † Turim 19-3-1970 com 76 anos, 58 de profissão, 48 de sacerdócio e 12 como Diretor.

Foi o religioso que dizia sempre “sim”, quer nos Estados Unidos onde desenvolveu múltiplas atividades como sacerdote e educador, de 1921 a 1935, quer na Itália, onde se mostrou disponível para qualquer encargo em várias casas do Piemonte.

Não se amarrou a compromissos nem como simples religioso nem como superior. Rígido e exigente consigo mesmo, procurou

abrandar êsse rigor com os outros. Pobre, frugal, piedoso, observante, foi encarnação da regra e fidelidade a Dom Bosco, haurida na escola viva do P. Rua e dos primeiros salesianos.

P. Francisco de la Hoz

★ em Santander (Espanha) 4-6-1901, † Sevilha (Espanha) 10-2-1970, com 68 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio e 16 como Diretor.

Bela figura de salesiano culto, apostólico, trabalhador incansável. Literato por natureza, membro da “Real Academia de Buenas Letras”. Escreveu vários livros, de argumento predominantemente salesiano.

Como Diretor, reconstruiu a igreja do colégio de Ronda, depois de guerra de 1935-1939. Como educador, a obra prima foi a Residência para universitários, que fundou e dirigiu nos primeiros anos, em Sevilha.

O P. Francisco sentiu-se como o animador espiritual do meio social em que viveu: associações, universidade, cúria diocesana, seminário, hospitais. Foi um enamorado da Eucaristia e de Nossa Senhora Auxiliadora. Fazia a Adoração noturna.

Tornamos nosso o juízo do Cardeal de Sevilha: “Sempre vi elevadas qualidades de virtudes, saber, prudência, laboriosidade, espírito de sacrifício, colaboração e disponibilidade neste edificantíssimo salesiano”.

P. Emílio Jacqmin

★ em Nafrature (Bélgica) 7-12-1883, † em Bovigny (Bélgica) 17-8-1970, com 86 anos, 54 de profissão, 48 de sacerdócio e 2 como Diretor.

Vocação adulta, quis fazer todo o currículo dos estudos como os mais moços. “Quem me dera celebrar uma só Missa que fôsse!” dizia. Morreu durante uma romaria em honra de Nossa Senhora, enquanto rezava a Ave Maria.

P. Inácio Knorr

★ em Pinkòc (Vas — Hungria) 25-7-1895, † Pannohalma (Hungria) 10-7-1970, com 74 anos, 53 de profissão, 43 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Piedoso, inteligente, de caráter humilde e meigo, dado à leitura e aos estudos. Nos anos da dispersão prestou bons serviços como

capelão e administrador na Arquidiocese de Eger, até que, em 1963, se recolheu no Hospital Social dos religiosos anciãos e inválidos, em Pannonhalma.

Coad. João Lagório

★ em Benavides (Buenos Aires — Argentina) 30-7-1886, † Alta Gracia (Argentina) 19-6-1970 com 83 anos de idade e 61 de profissão.

Foi religioso exemplar, fiel, consciencioso, até ao escrúpulo em seus deveres, trabalhador abnegado e incansável, humilde e modesto em suas atividades e sucessos, de espiritualidade profunda e homem de oração.

P. Pedro Lajolo

★ em Vinchio d'Asti (Itália) 2-1-1884, † Milão (Itália) 12-4-1970, com 86 anos, 87 de profissão, 58 de sacerdócio e 6 como Diretor.

O lema “Da mihi animas” de Dom Bosco faz realmente a paixão incontida do P. Lajolo, mas o seu ardente espírito salesiano se revelou ainda em todas as outras manifestações de sua vida: pobreza, bondade, condescendência, filial devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, observância sincera das regras e de modo especial o seu espírito jovem e bom senso, que, mesmo nestes últimos anos de profundas transformações o levava a intuir e aceitar o que de válido houvesse nas novidades que se iam propondo. Nos longos anos de directorado, e depois como pároco em Milão deixou em toda a parte vestígios do bem feito principalmente entre os meninos.

P. Teopompo Leonatti

★ em Turim (Itália) 6-11-1882, † Collesalveti (Livorno — Itália) 20-5-1970, com 87 anos, 63 de profissão, 56 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Alma cândida, habitualmente tranquilo, sabia contagiar com seu otimismo quem quer que se aproximasse dele. Amou, e o demonstrou às claras, o seu sacerdócio e a vida salesiana, que despendeu com disponibilidade comovedora, especialmente no apostolado da escola e no ministério das Confissões.

P. Boaventura Li Pira

★ em Collesano (Palermo — Itália) 13-11-1911, † Catânia (Itália) 28-6-1970 com 59 anos, 42 de profissão, 30 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Alma aberta às necessidades dos tempos, soube cultivar os estudos que mais correspondiam às necessidades do apostolado moderno. Sabia ficar perto de quem sofre, de quem procura solução para problemas espinhosos, de quem não tem, mas deseja ter fé.

Era o salesiano mais popular de Catânia, conhecido e estimado pela sua cortesia, bondade, acompanhada sempre de um sorriso que despertava confiança e respeito. A sua morte improvisa, devida a um colapso cardíaco, deixou largas saudades.

P. Salvador Lo Giudice

★ em Certuripa (Catânia — Itália) 28-2-1910, † S. Gregório (Catânia — Itália) 3-6-1970 com 60 anos, 43 de profissão, 36 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Veio de uma família que deu três filhos à Congregação Salesiana. Laureado em Ciências Naturais, passou grande parte da vida salesiana como conselheiro escolar dos clérigos do Estudantado Filosófico de S. Gregório, dando com profusão os tesouros de sua invulgar cultura científica e da santidade de vida, especialmente neste último ano, aceitando com resignação exemplar os graves sofrimentos de longa e penosa doença.

P. Adalberto Ludwig

★ em Mainz-Gonsenheim (Alemanha) 27-2-1905, † Helenenberg (Alemanha) 10-8-1970 com 65 anos, 39 de profissão e 31 de sacerdócio.

Desenvolveu incansável atividade sacerdotal, muito benéfica, nas casas de Mônaco, Wiesbaden e ultimamente em Helenenberg, onde o Senhor o chamou ao prêmio do Paraíso, depois de tantos sofrimentos pacientemente suportados nos últimos dez anos. Foi verdadeiro operário de Deus, desinteressado e zeloso no apostolado entre a juventude e o povo, resignado em tudo com a vontade divina.

P. João Magdic

★ em Renkooč (Prekmurje — Jugoslávia) 11-4-1911, † Turim 1-5-1970 com 59 anos, 39 de profissão e 30 de sacerdócio.

Da sua terra, a Jugoslávia, veio ainda jovem para a Itália para realizar o sonho das suas aspirações à vida religiosa. E na família

de Dom Bosco achou o seu clima. De caráter alegre e dinâmico, foi educador e professor em várias casas da Itália e da Suíça, até que em 1956 foi chamado à Casa da Direção Geral das Obras Salesianas, adido ao Secretariado da Imprensa. Aqui por 14 anos foi fidelíssimo ao seu trabalho, que cumpriu com humildade e exatidão. Um mal insidioso, que se manifestou improvisamente, revelou a grandeza de virtude desse querido salesiano. Encerrou sua carreira terrena no dia 1.º de maio, festa de S. José operário.

P. Carlos Martinotti

★ em Pontestura (Alessandria — Itália) 5-4-1916, † Turim 6-6-1970 com 54 anos, 35 de profissão, 24 de sacerdócio e 20 como Diretor.

Maravilhosa figura de salesiano segundo o coração de Dom Bosco; de sacerdote piedoso, cheio de zêlo, humilde; de educador todo entregue aos jovens para torná-los bons e fortes; de Diretor sacrificado, compassivo e sorridente.

Para os irmãos e os alunos dos institutos onde por 20 anos exercitou de maneira mais que paterna seu cargo de Diretor, demonstrou um coração amante, sensível, cheio de delicadezas e atenções.

Aos 54 anos apenas, um incidente rodoviário trancou-lhe improvisamente a obra inteligente e ativa, enquanto lhe sorria ainda um apostolado longo e operoso. Em todos quantos o conheceram e amaram deixa merecidas e profundas saudades.

P. Hermínio Mascagni

★ em Montese (Módena — Itália) 7-7-1923, † em La Guaira (Venezuela) 26-1-1970 com 46 anos, 30 de profissão e 20 de sacerdócio.

Exerceu o apostolado sacerdotal nas casas de Cali, Ibagué, Bogotá, Pereira e La Ceja. Deixou um grande exemplo de trabalho.

Coad. Romano Micheletti

★ em Imer (Trento — Itália) 18-4-1906, † em Bolonha (Itália) 11-12-1969 com 63 anos de idade e 45 de profissão.

Sua prenda foi a disponibilidade: as múltiplas necessidades das casas o tornaram o factotum procurado e precioso, embora tivesse aprendido o ofício de encadernador. Como enfermeiro por muitos anos, teve ocasião de exercitar a caridade cristã e uma grande pa-

ciência; como provedor foi escrupulosíssimo no que concernia à administração. Sob aparência um tanto rude, descobria-se um coração sincero e uma grande dedicação à sua tarefa.

P. Armando Milford Alves Carneiro

★ no Rio de Janeiro aos 22-5-1894, † Londres aos 30-12-1969 com 75 anos de idade, 56 de profissão e 44 de sacerdócio.

Ordenado sacerdote em Turim, trabalhou alguns anos na Itália e em Portugal, e depois se incardinou na Inspetoria anglo-irlandesa. Foi apreciado professor consciencioso, até a idade de setenta anos.

Era sempre amado de todos: irmãos, jovens e seus pais, exalunos... Era chamado também “o amigo, pai e benfeitor” dos seus compatriotas que moravam em Londres.

P. Hermenegildo Murtas

★ em Uras (Cagliari — Itália) 28-12-1908, † Castellammare di Stabia (Nápoles — Itália) 1-7-1970 com 61 anos, 44 de profissão, 36 de sacerdócio, 14 como Diretor e 6 como Inspetor.

Os muitos irmãos que tiveram a felicidade de abordá-lo, não de lembrá-lo como “mestre de vida”. Professor seguro e profundo, sabia dizer a todos a palavra clara, que lhe vinha do fundo do espírito, do contato contínuo com os Padres da Igreja e da Congregação, da oração que lhe era habitual.

Salesiano estimado, despendeu as suas energias nas casas de formação, no estudo da espiritualidade salesiana, no aprofundamento do espírito de Dom Bosco. Superior prudente e perito, deu a todos exemplos de trabalho sacrificado, também nos momentos em que sua precária saúde lhe teria imposto um necessário descanso. Sacerdote sempre disponível ao ministério, nesses últimos anos foi confessor apreciado e procurado, não somente na comunidade dos nossos clérigos teólogos, mas também por parte dos sacerdotes da diocese, que o puderam conhecer no Conselho Presbiteral, de que era membro. Também a sua serena e silenciosa partida, preparada de havia tempo e quase esperada, é a sua última lição.

P. Fernando Navárlaz

★ em Montevideu (Uruguaí) 6-6-1885, † Montevideu 30-5-1970 com quase 85 anos, 68 de profissão, 61 de sacerdócio e 3 como Diretor.

P. Fernando deixou um grande vazio nos “Talleres Don Bosco”; foi assistente e conselheiro nos tempos heróicos desta obra salesia-

na, inteiramente consagrado aos aprendizes. Foi fiel a si mesmo e coerente com sua forte fibra e rica personalidade. Preencheu todos os ângulos com sua presença austera nos momentos de trabalho e de ordem, com sua graça e engenho nos recreios e festas, com o canto e a música. Conservou sempre um espírito juvenil, sério e jovial, com que granjeou o afeto de todos.

P. Francisco G. Nee

★ em Jamaica Plain (Massachusetts — EEUU) 11-3-1929, † Ipswich (Massachusetts — EEUU) 3-4-1970 com 41 anos, 20 de profissão e 10 de sacerdócio.

Era um homem obediente; daí a sua vida tranquila, mesmo quando cinco anos atrás, depois de uma operação de câncer, a sua saúde piorava, com uma paralisia parcial. Trabalhou sempre, até o fim, como assistente, secretário... Amava a vida de comunidade; era exato, pronto, sempre presente. Celebrou a sua última santa Missa no dia da Páscoa e faleceu poucos dias depois, muito estimado por todos.

P. José Nemcek

★ em Frivald (Eslováquia) 5-3-1915, † Santiago (Chile) 8-10-1969 com 54 anos, 33 de profissão e 22 de sacerdócio.

Com 20 anos partiu de sua pátria para o Chile, onde trabalhou até o fim com plena dedicação. Ainda nas vésperas de sua morte quis dar aula, embora se sentisse muito mal, depois de uma noite penosa e insone. Deixou um exemplo admirável de humildade, de amor e de zelo missionário, especialmente para com os oratorianos e os seus alunos, que o tiveram por muitos anos como catequista e conselheiro escolar zeloso e querido.

Coad. Nicolau Odone

★ em Bossiglione Inferiore (Gênova — Itália) 30-3-1877, † Bagnolo Piemonte (Itália) 2-8-1970 com 93 anos de idade e 71 de profissão.

Cara e simpática figura de coadjutor que nos ligava aos tempos do Ven. P. Rua, em cujas mãos fez os votos perpétuos em 1899.

Na sua longa permanência de doente nas casas de Piossasco e de Bagnolo, manifestava interesse verdadeiramente filial pelas obras da Congregação no mundo, enquanto ocupava grande parte do dia

na leitura assídua das Memórias Biográficas, do Boletim Salesiano e das nossas publicações. Dotado de memória tenaz e feliz até o ultimo dia de sua existência, gostava de reevocar figuras de muitos superiores e irmãos conhecidos no Oratório, na Itália e no Chile, onde tinha trabalhado muitos anos.

P. Luís Ornaghi

★ em Lissone (Milão — Itália) 12-9-1906, † Sôndrio (Itália) 2-7-1970 com 63 anos, 45 de profissão e 39 de sacerdócio.

Foi responsável pela disciplina em vários institutos lombardos. Viveu no meio dos jovens como professor cêrca de 30 anos; mas saíentava-se sobretudo como irmão e educador atento e delicado, paciente e exigente.

Em Sôndrio sua presença era quase ignorada. O seu pôsto de trabalho como guia espiritual desenvolvia-se no íntimo do confessorário, onde muitos, sem conhecê-lo de outra maneira, punham-se em contato com uma alma sacerdotal aberta à compreensão e à solicitude mais amorável.

P. Luís Pedotti

★ em Buenos Aires (Argentina) 27-5-1903, † Buenos Aires (Argentina) 12-2-1970 com 66 ano, 50 de profissão, 40 de sacerdócio e um como Diretor.

Diligente e ótimo professor de várias matérias, especialmente de ciências exatas; soube granjear o afeto e a estima dos seus colegas e dos seus alunos, pelas suas boas maneiras cordiais e simples. Desobrigou-se bem das várias incumbências que a obediência lhe conflou, doando-se generosamente ao ideal salesiano.

P. Estanislau Pływaczyc

★ em Jedlec (Polônia) 10-11-1880, † Kopiec (Polônia) 4-12-1969 com 89 anos, 70 de profissão, 63 de sacerdócio. Foi Diretor por 33 anos e Inspetor durante 14 anos.

Foi um dos mais distintos salesianos poloneses. A vida prática salesiana começou-a em Oswiecim, como um dos fundadores da primeira casa salesiana na Polônia; foi seu Diretor em 1908; em seguida foi mestre de noviços; foi o primeiro Inspetor na Hungria, e depois o primeiro Inspetor na Polônia do Norte. Depois do flagelo de 1939, como Diretor do Estudantado teológico, por vários anos foi

educador das novas gerações salesianas, até que, doente, teve que se retirar.

De caráter expansivo, jovial e alegre, era sempre tratado com afeto filial pelos irmãos, que viam nêle uma verdadeira encarnação do ideal de Dom Bosco, segundo o modelo apresentado pelo Card. Cagliero.

P. Carlos Ravalchini

★ em Roncofreddo (Forlì — Itália) 31-7-1933, † em Bolonha (Itália) 9-8-1970 com 37 anos, 14 de profissão e 4 de sacerdócio.

O seu foi um sacerdócio sofrido, mas êle o vivia com entusiasmo até à doação de si mesmo. Impelido pelo desejo de difundir o bem, trabalhava até com audácia para amoldar ao Concílio conceitos e métodos do passado.

Celebrava o santo Sacrifício como se fôsse a primeira Missa. P. Carlos amou sobretudo os jovens do Oratório, aos quais preferia apresentar-se como sacerdote e diretor das suas almas.

P. Otão Riedmayer

★ em Munique (Alemanha) 6-10-1901, † Bamberg (Alemanha) 29-3-1970 com 68 anos, 43 de profissão, 37 sacerdócio e 14 como Diretor.

Já durante o noviciado o P. Riedmayer partiu para as missões. Depois de alguns anos passados no Peru como secretário de D. Ortis e depois como catequista e professor, passou bem 20 anos como missionário entre os Quívaros. Aí foi atingido por uma doença que não mais o deixou pelo resto da vida, que êle gastou por aqueles que Nosso Senhor lhe confiou. Repatriando doente em 1966, consumiu os últimos anos sacrificando-se pelos outros.

Coad. Eduardo Riva

★ em Monza (Milão — Itália) 16-12-1894, † Valcrosia (Itália) 15-6-1970 com 75 anos, 42 de profissão.

Laboriosíssimo e versátil, foi por muitos anos precioso factotum nas nossas casas, repassando a sua incansável atividade de um profundo senso religioso. O contínuo bom humor e a sua simplicidade tornavam amável a sua companhia e eficaz o seu exemplo de fiel observância.

Coad. João Batista Rossotti

★ em Sale Langhe (Cúneo — Itália) 26-3-1910, † Bagnolo (Itália) 15-8-1970 com 60 anos de idade e 39 de profissão.

Pode-se afirmar que passou os seus 40 anos de vida salesiana na arte tipográfica, dirigindo com amor e competência as escolas tipográficas de S. Benigno Canavese, da Casa Mãe em Turim, e na criação e organização do conjunto lito-tipográfico no Colle Dom Bosco, durante o turbulento período da segunda guerra mundial.

De 1945 a 1950 foi diretor técnico inteligente e genial da Poliglota Vaticana, onde a sua perícia foi altamente apreciada também pelos mais altos prelados pontifícios, e merecidamente premiada com a nomeação a Comendador.

No seu trabalho foi sempre fiel ao espírito e aos critérios de nosso santo Fundador no apostolado da boa imprensa.

P. José Ruggeri

★ em Trecastagni (Catânia — Itália) 23-9-1901, † Gela (Caltanissetta — Itália) 21-7-1970 com 68 anos, 52 de profissão e 43 de sacerdócio.

Pertencia a uma família quase excepcional, que deu 7 filhos a Nosso Senhor: 3 padres para Dom Bosco, 3 irmãs entre as Filhas de Maria Auxiliadora e uma para as Carmelitas de clausura.

Depois de apenas poucos anos de atividade sacerdotal, como professor e assistente, foi ferido por uma forma de doença que o obrigou a viver muitos anos fora da comunidade. Em dezembro de 1967 voltou para a comunidade tranquilo e sereno, edificando os irmãos pela sua exatidão e piedade na celebração da santa Missa.

P. Calixto Schincariol

★ em Pescinanna (Fiume Veneto — Itália) 15-4-1907, † em Comodoro Rivadavia (Argentina) 24-3-1970 com 62 anos, 45 de profissão, 37 de sacerdócio e 6 como Diretor.

Desde a primeira juventude, tôdas as suas atuações traziam o cunho de uma personalidade altamente humana, oferecendo exemplos de apostolado permanente e entusiasta, e dando autêntico testemunho de Cristo. Por tôda a parte deixou a semente de um cristianismo vivido intensamente, que transpôs, com a presença e o testemunho, os limites dos colégios ou paróquias a que foi destinado.

P. João Schmid

★ em Egna (Trento — Itália) 6-11-1902, † Guaiaquil (Equador) 19-5-1970 com 67 anos, 37 de profissão, 30 de sacerdócio e 15 como Diretor.

Nas queridas missões de Méndez, Limón e Gualaquiza, prodigalizou durante 40 anos o seu zelo apostólico, querido e estimado por todos. Desde 1956, por causa de sua saúde delicada, o encontramos em Quito e Guaiaquil, totalmente consagrado ao bem das almas como pároco e confessor. Um mal incurável na garganta roubou-o ao nosso afeto para levá-lo ao amplexo do Pai remunerador.

P. Carlos Schwarze

★ em Hötensleben (Alemanha) 24-10-1891, † Brückenau (Alemanha) 21-5-1970 com 78 anos, 50 de profissão, 44 de sacerdócio e 15 como Diretor.

Tendo conhecido a obra das vocações adultas, seguiu êsse caminho e tornou-se sacerdote salesiano. Nos primeiros anos de sacerdote, deu aula em Marienhausen; depois foi prefeito e diretor do noviciado em Ens Dorf; em seguida dirigiu por nove anos a casa de Sannerz, onde passou os últimos anos da vida.

P. José Siska

★ em Ljubljana (Jugoslávia) 8-1-1886, † Salvador (Bahia — Brasil) 11-12-1969 com 83 anos, 58 de profissão e 47 de sacerdócio.

Desde 1933 trabalhou no Brasil (Amazônia). Foi professor, conselheiro, catequista e sobretudo confessor no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, no Salvador (Bahia), onde recebeu a cidadania honorária pelas suas benemerências.

Dom Emílio Sosa

★ em Asunción (Paraguai) 28-9-1884, † Ypacaraí (Paraguai) 24-3-1970 com 85 anos, 67 de profissão, 58 de sacerdócio. Foi Diretor durante 12 anos, Bispo de Concepción durante 32 anos, e por sete anos Bispo demissionário.

Homem dinâmico e de grande talento organizativo, após os primeiros anos de vida sacerdotal foi encarregado, com outros dois padres, da missão do Chaco, onde do nada, com sacrifícios e privações indizíveis, pôs as bases para a ereção de duas novas dioceses. Eleito bispo de Concepción e Chaco, continuou a sua obra de difusão do Evangelho e de organização da diocese.

Sabia estar sempre presente onde urgia a necessidade ou o perigo, sustentando clero e fiéis com o seu fervor pastoral, com sua intervenção inteligente e solícita, com sua caridade inexaurível. De sua atividade falam, além da Medalha ao Mérito que lhe conferiu o Governo, o desenvolvimento que deu à Ação Católica, à Catequese, à Ação Social; e ainda o Seminário menor, e a promoção do Seminário maior nacional, a fundação de escolas primárias e secundárias paroquiais, os Exercícios e retiros espirituais que valeram para uma floração de vida cristã e de vocações.

Foi ativo até o fim, num fervor de piedade, de zelo, de espírito salesiano, que lhe entalham a figura e a missão na história do Paraguai, da Congregação e da Igreja.

Coad. Paulo Stano

★ em Terchova (Eslováquia) 1-2-1914, † Chomutov (Boêmia) 14-11-1969 com 55 anos de idade e 32 de profissão.

Fêz-se salesiano em idade madura e desenvolveu o seu apostolado entre os jovens aspirantes de Sastín como padeiro, edificando a todos com seu espírito sempre alegre e laborioso. O seu Inspetor, dando a notícia de sua morte imprevista, expressava-se assim: “Ele foi deveras *vir justus*. Nós lhe estávamos preparando um lugar na Eslováquia em alguma das nossas paróquias, mas Deus certamente lhe preparou lugar melhor”.

P. Carlos G. Stramucci

★ em Las Palmas (Buenos Aires — Argentina) 23-10-1917, † Buenos Aires Argentina) 27-2-1970 com 52 anos, 34 de profissão e 23 de sacerdócio.

A Congregação esperava ainda muito do talento e do zelo sacerdotal dêste padre quando foi vencido por uma dolorosa enfermidade. Especializado em Psicopedagogia, desenvolveu num amplo círculo o seu trabalho eficiente e responsável. Pregou retiros, fez conferências a muitas comunidades que apreciavam a sua preparação e disponibilidade para o santo ministério.

P. Angelo Suani

★ em Tabelano (Mântua — Itália) 25-4-1919, † Guayaquil (Equador) 8-6-1970 com 51 anos, 33 de profissão e 22 de sacerdócio.

De caráter franco, simples e alegre, era estimado por quantos se lhe avizinham, especialmente pelos jovens, pobres e operários.

Colhido em 1947 por terrível doença renal, recebeu o Ordenação sacerdotal, a fim de que tivesse a consolação de morrer como sacerdote. Tendo superado a operação cirúrgica, a sua robusta constituição e o seu espírito alegre e animado o conservaram ao nosso afeto para mais 22 anos, que o bom salesiano empregou com zelo apostólico em favor das almas.

P. Agostinho Tomasino

★ em Irigoyen (Santa Fé — Argentina) 22-12-1887, † Buenos Aires (Argentina) 9-7-1970 com 82 anos, 53 de profissão e 44 de sacerdócio.

Depois de ter passado 20 anos no trabalho escolar salesiano, foi-lhe confiado o ministério pastoral e achou nêlo o campo natural para o seu apostolado.

Homem de critério, exato e ciente de sua responsabilidade, dedicou-se com abnegação por longos anos no confessional e no escritório paroquial, ganhando a estima de muitas almas.

P. Antônio Tranavicius

★ em Pasvalys (Lituânia) 8-11-1909, † Frascati (Itália) 21-4-1970 com 60 anos, 38 de profissão e 30 de sacerdócio.

Era um dos primeiros salesianos lituanos atraídos ao ideal salesiano pela grande alma do P. Antônio Skeltis. P. Tranavicius não mais pôde voltar para a sua amada pátria, nem sequer para a sua primeira Missa.

Trabalhou por 16 anos em Portugal, até que o Reitor Mor, P. Ziggliotti, abriu para os lituanos o Instituto de Castelnuovo D. Bosco.

P. Tranavicius foi um apóstolo solícito para com os outros. Sempre de saúde precária, continuou a trabalhar até que aos 21 de abril passado, à hora do almoço, foi encontrado sem vida, composto em sua cama.

P. Pedro A. Uberti

★ em Battifollo (Cúneo — Itália) 8-4-1883, † Córdoba (Argentina) 23-7-1970 com 87 anos, 59 de profissão e 52 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Distinguuiu-se pelo seu zelo incansável pela salvação das almas e pelo seu grande amor à Congregação. Diante dêsses dois amores,

nada podia moderá-lo, nem as contrariedades, nem as doenças, nem os anos. O decôro da Casa de Deus, a Liturgia, a pregação, as longas horas de confessionário, as visitas aos doentes e o bem que queria aos jovens e aos pobres foram os meios que usou para levar a Deus muitas almas afastadas.

P. Eberardo Wirdeier

★ em Waltrop (Alemanha) 17-1-1906, † Hessish-Lichtenau (Alemanha) 26-2-1970 com 64 anos, 34 de profissão e 20 de sacerdócio.

Fêz os estudos como vocação adulta em Essen. Foi consciencioso e pronto a qualquer sacrifício como assistente no colégio dos corrigendos e como sacerdote na diáspora em Hessish-Lichtenau, onde foi dispensador da Palavra de Deus e do seu sacerdócio ao serviço de todos, em cada momento e em toda circunstância, distinguindo-se pelo zelo no serviço dos doentes. Por muito tempo e com paciência purificou-se no sofrimento.

P. Isidoro Vitancurt

★ em Rocha (Uruguai) 2-1-1900, † Montevideu (Uruguai) 7-5-1970 com 70 anos, 45 de profissão e 36 de sacerdócio.

Entre os aspirantes, sentiu-se em família e não deixou mais êste campo, que cultivou com seu espírito de oração, de sacrifício e humilde trabalho. Tudo enriqueceu com sua proverbial alegria.

Foi o homem do conselho para qualquer classe de pessoas, procurado particularmente por muitas religiosas.

Coad. Miguel Zablocki

★ em Czernichwce (Polónia) 11-2-1881, † Zapatoca (Colômbia) 20-4-1970 com 89 anos de idade e 61 de profissão.

Recebido na Congregação pelo P. Pedro Tirone, pediu e alcançou ser enviado para a Colômbia, onde trabalhou alguns anos no leprosário de Caño de Loro, dedicando-se de alma e corpo ao serviço dos doentes e aos misteres domésticos.

Chamado depois a outras casas, para dirigir os trabalhos de construção, em toda a parte granjeou confiança e estima. Ao terminar o trabalho de cada dia, dava-se à oração e cuidava da capela.

Viveu uma vida mística muito intensa. O Sr. Zablocki foi um santo coadjutor que não se distinguiu por uma ou outra virtude, mas praticou tôdas em grau heróico.

P. Maximiliano Zachlod

★ em Chorzów (Polónia) 14-12-1911, † Katowice (Polónia) 3-6-1970 com 58 anos, 38 de profissão e 28 de sacerdócio.

P. Zachlod foi de espírito sempre jovem. Jovial, fácil na conviência, apegado à Congregação, bom pastor de almas; amava a “schola cantorum”, prestava-se de boa mente ao serviço do confessorário; para com os que se aproximavam dêle era um pai verdadeiro e sempre autêntico sacerdote.

J. Jorge Zmegac

★ em Ladanje-Vinica (Jugoslávia) 14-4-1915, † Rijeka (Jugoslávia) 4-5-1970 com 55 anos, 37 de profissão e 27 de sacerdócio.

Sempre jovial, de bom humor, espalhava ao seu redor o fascínio que conquistava os jovens, tão próprio de Dom Bosco e de seus filhos. Tratava os jovens com entusiasmo poético, especialmente nos anos em que pôde trabalhar livremente com êles, e para êles foi um ótimo guia. As circunstâncias externas antes, e a doença inexorável depois, ceifaram em poucas semanas as belas esperanças que a nova Inspetoria depositava nêle.

Coad. José Zublena

★ em Cigliano (Novara) 31-12-1887, † em Cuenca (Equador) 12-1-1970 com 82 anos de idade e 14 de profissão.

Depois de 12 anos de profissão, pediu dispensa dos votos, mas pouco depois retornou à casa de Dom Bosco para viver como simples familiar, assíduo trabalhador na agricultura. Por mais de 20 anos insistiu em ser readmitido aos votos religiosos, e finalmente em 1968 pôde fazer de nôvo a profissão.

De uma piedade simples, constante e exemplar. Tradicional em suas devoções, fidelíssimo à confissão semanal e à reza do Rosário diário.

2.º Elenco 1970

N.	Cognome e Nome	Luogo di Nascita	Data di Nasc. e Morte		Età	Luogo di M.	ISP.
39 — Sac.	AGNOLETTI Virgilio	Montebelluna (I)	17-11-1907	29-03-1970	62	Conegliano (I)	Vn
40 — Sac.	ARIENTI Giuseppe	Seregno (I)	10-07-1907	10-04-1970	62	Bagnolo (I)	No
41 — Ch.	ARNANZI Restituto	Olmilto (E)	5-10-1943	24-05-1970	26	Madrid (E)	Ma
42 — Coad.	ASSIS Pietro	Dóres (BR)	18-05-1905	17-04-1970	64	Campo Grande (BR)	CG
43 — Coad.	AVEZZA Filippo	Mango (I)	25-05-1886	27-05-1970	84	Canelli (I)	No
44 — Sac.	AZZOLINI Riccardo	Roana (I)	19-10-1899	30-07-1970	70	Roana (I)	Vn
45 — Sac.	BERTOLA Giuseppe	S. Sebastiano Po (I)	1-05-1884	9-04-1970	85	Santiago (RCH)	Cl
46 — Sac.	BYRNE Kevin	Dublino (SE)	24-12-1920	17-04-1969	48	Teheran (Iran)	Or
47 — Coad.	CAVAGNA Battista	S. Pellegrino (I)	13-09-1913	13-06-1970	56	Buenos Aires (RA)	Lp
48 — Sac.	COLLI Luigi	Gerenzano (I)	28-08-1896	29-06-1970	73	Lanzo To. (I)	Sb
49 — Sac.	COLOMBO Giovanni	Milano (I)	18-05-1899	10-04-1970	70	L'Aquila (I)	Ad
50 — Coad.	COMINETTI Bassiano	S. Stefano (I)	16-03-1884	26-02-1970	86	Muzzano (I)	No
51 — Sac.	COSTA Giulio	Imola (I)	11-11-1901	16-04-1970	68	Mendal (ID)	Ga
52 — Sac.	DELAFOSSÉ Renato	Bazouges-la-P. (F)	21-11-1902	19-06-1970	67	Ressins (F)	Ly
53 — Sac.	DELLA MAESTRA Gius.	Basagliapenta (I)	4-08-1907	8-04-1970	62	Verona (I)	Vr
54 — Coad.	DEVALLE Gioachino	Belvedere Langhe (I)	10-01-1889	10-04-1970	81	Bagnolo	Mn
55 — Sac.	DI GIORGI Calogero	Ribera (I)	12-02-1885	1-05-1969	84	Santiago (RCH)	Cl
56 — Sac.	DOMINGUEZ Felice	Maiquetia (VZ)	21-02-1891	31-07-1970	79	Caracas (VZ)	Vz
57 — Ch.	FABIANOWICZ Andrea	Gaworzec Dolny (PL)	12-07-1947	9-07-1970	23	Czerwinsk (PL)	Ló
58 — Sac.	FISSORE Giovanni	Bra (I)	12-01-1922	19-04-1970	48	Torino (I)	Sb
59 — Sac.	FUCHS Giorgio	Obersaasheim (F)	26-03-1882	5-04-1970	88	Landser (F)	Ly
60 — Sac.	GALEONE Giorgio	Cisternino (I)	20-04-1890	9-08-1970	80	Corigliano (I)	Pu
61 — Sac.	GIOVANNINI Eugenio	Rizzolaga (I)	7-08-1911	12-03-1970	58	Verona (I)	Vr
62 — Coad.	GOMEZ Fuentes Emanuele	Alameda (E)	11-01-1898	2-09-1969	71	Sevilla (E)	Se
63 — Sac.	GRAMMATICA Diego	Caltagirone (I)	10-12-1885	6-04-1970	84	Bahía Blanca (RA)	BB
64 — Coad.	GUERILLOT Raimondo	Poligny (F)	11-05-1905	24-04-1970	64	Marseille (F)	Ly
65 — Sac.	GUGLIELMETTO Gov. B.	Bruzolo (I)	20-11-1893	19-03-1970	76	Torino (I)	Sb
66 — Sac.	HOZ Francesco	Santander (E)	4-06-1901	10-02-1970	68	Sevilla (E)	Se
67 — Sac.	JACQMIN Emilio	Nafrature (B)	7-12-1883	17-08-1970	86	Bovigny (B)	Lb
68 — Sac.	KNORE Ignazio	Pinkóc (H)	25-07-1895	10-07-1970	74	Pannonhalma (H)	Un
69 — Coad.	LAGORIO Giovanni	Benavédes (RA)	30-07-1886	19-06-1970	83	Alta Gracia (RA)	Cr
70 — Sac.	LAJOLO Pietro	Vinchio d'Asti (I)	2-01-1884	12-04-1970	86	Milano (I)	Lo
71 — Sac.	LEONATTI Teopompo	Torino (I)	6-11-1882	20-05-1970	87	Collesalveti (I)	Li
72 — Sac.	LI PIRA Bonaventura	Collesano (I)	13-01-1911	28-06-1970	59	Catania (I)	Sc
73 — Sac.	LO GIUDICE Salvatore	Certuripa (I)	28-02-1910	3-06-1970	60	S. Gregorio (I)	Sc
74 — Sac.	LUDWIG Adalberto	Mainz-Gonsenheim (D)	27-02-1905	10-08-1970	65	Helenenderg (D)	Kö

2.º Elenco 1970

N.	Cognome e Nome	Luogo di Nascita	Data di Nasc. e Morte		Età	Luogo di M.	ISP.
75 — Sac.	MAGDIC Giovanni	Renkooci (YU)	11-04-1911	1-05-1970	59	Torino (I)	Cn
76 — Sac.	MARTINOTTI Carlo	Pontestura (I)	5-04-1916	6-06-1970	54	Torino (I)	Sb
77 — Sac.	MASCAGNI Erminio	Montense (I)	7-07-1923	26-01-1970	46	La Guaira (VZ)	Md
78 — Coad.	MICHELETTI Romano	Imer (I)	18-04-1906	11-12-1969	63	Bologna (I)	Lo
79 — Sac.	MILFORD Armando	Rio de Janeiro (BR)	22-05-1894	30-12-1969	75	London (GB)	Ig
80 — Sac.	MURTAS Ermenegildo	Uras (I)	28-12-1908	1-07-1970	61	Castellammare (I)	Cp
81 — Sac.	NAVARLAZ Ferdinando	Montevideo (U)	6-06-1885	30-05-1970	85	Montevideo (U)	U
82 — Sac.	NEE Francesco G.	Jamaica Plain (USA)	11-03-1929	3-04-1970	41	Ipswich (USA)	NR
83 — Sac.	NEMCEK Giuseppe	Frivald (Slov.)	5-03-1915	8-10-1969	54	Santiago (RCH)	Cl
84 — Coad.	ODONE Nicola	Bossiglione Inf. (I)	30-03-1877	2-08-1970	93	Bagnolo (I)	Cn
85 — Sac.	ORNAGHI Luigi	Lissone (I)	12-9-1906	2-07-1970	63	Sondrio (I)	Lo
86 — Sac.	PEDOTTI Luigi F.	Buenos Aires (RA)	27-05-1903	12-02-1970	66	Buenos Aires (RA)	BA
87 — Sac.	PLYWACZYK Stanislaw	Jedlec (PL)	10-11-1880	4-12-1969	89	Kopiec (PL)	Kr
88 — Sac.	RAVALDINI Carlo	Roncofreddo (I)	31-07-1933	9-08-1970	37	Bologna (I)	Ad
89 — Sac.	RIEDMAYER Ottone	München (D)	6-10-1901	29-03-1970	68	Bamberg (D)	Mü
90 — Coad.	RIVA Edoardo	Monza (I)	16-12-1894	15-06-1970	75	Vallecrosia (I)	Li
91 — Coad.	ROSSOTTI Giov. B.	Sale Langhe (I)	26-03-1910	15-08-1970	60	Bagnolo (I)	Li
92 — Sac.	RUGGERI Giuseppe	Trecastagni (I)	23-09-1901	21-07-1970	68	Gela (I)	Sc
93 — Sac.	SCHINCARIOL Callisto	Pescinanna (I)	15-04-1907	24-03-1970	62	Comodoro Riv. (RA)	BB
94 — Sac.	SCHMID Giovanni	Egna (I)	6-11-1902	19-05-1970	67	Guayaquil (EQ)	Qu
95 — Sac.	SCHWARZE Carlo	Hötensleben (D)	24-10-1891	21-05-1970	78	Brückenau (D)	Kö
96 — Sac.	SISKA Giuseppe	Ljubiana (YU)	8-01-1886	11-12-1969	83	Salvador (BR)	Re
97 — Mons.	SOSA Emilio	Asunción (PY)	28-09-1884	24-03-1970	85	Yparacai (PY)	Pa
98 — Coad.	STANO Paolo	Terchova (Slov.)	1-02-1914	14-11-1969	55	Chomutov (Boemia)	Bo
99 — Sac.	STRAMUCCI Carlo G.	Las Palmas (RA)	23-10-1917	27-02-1970	52	Bueno Aires (RA)	BA
100 — Sac.	SUANI Angelo	Tabellano (I)	25-04-1919	8-06-1970	51	Guayaquil (EQ)	Qu
101 — Sac.	TOMASINO Agostino	Irigoyen (RA)	22-12-1887	9-07-1970	82	Buenos Aires (RA)	BA
102 — Sac.	TRANAVICIUS Antonio	Pasvalys (Lit.)	8-11-1909	21-04-1970	60	Frascati (I)	Ro
103 — Sac.	UBERTI Pietro A.	Battifollo (I)	8-04-1883	23-07-1970	87	Córdoba (RA)	Cr
104 — Sac.	WIRDEIER Eberardo	Waltrop (D)	17-01-1906	26-02-1970	64	Hessisch-Lich. (D)	Kö
105 — Sac.	VITANCURT Isidoro	Rocha (U)	2-01-1900	7-05-1970	70	Montevideo (U)	U
106 — Coad.	ZABLOCKI Michele	Czernichwce (PL)	11-02-1881	20-04-1970	89	Zapatoeca (CO)	Bg
107 — Sac.	ZACHLOD Massimiliano	Chorzów (PL)	14-12-1911	3-06-1970	58	Katowice (PL)	Kr
108 — Sac.	ZMEGAC Giorgio	Ladanje-Vinica (YU)	14-04-1915	4-05-1970	55	Rijeka (YU)	Cz
109 — Coad.	ZUBLENA Giuseppe	Cigliano (I)	31-12-1887	12-01-1970	82	Cuenca (EQ)	Cc

Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Moóca, 766 (Moóca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SAO PAULO